GUIA DEFINITIVO PARA
ATRAVESSAR A **ADOLESCÊNCIA**

EDIÇÃO ESPECIAL - **JULHO 2025**

CAPRICHO

TASHA & TRACIE

Abril 75

SUPERSTAR

SUPERSTAR

BASTÃO DE ÓLEOS ESSENCIAIS PARA CADA MOMENTO DO SEU DIA!

- LANÇAMENTO - LANÇAMENTO -

FOCO E CONCENTRAÇÃO | MOTIVAÇÃO | TRANQUILIDADE | EQUILÍBRIO NOTURNO

- STICK DE AROMATERAPIA PARA DAR AQUELE HELP NAS EMOÇÕES;
- PRONTO PARA APLICAR NA PELE;
- EMBALAGEM MODERNA E PRÁTICA;
- COM CARTELA DE ADESIVOS EXCLUSIVOS.

VIVA NO SEU MODO

www.therapi.com.br

therapi.oficial

Acesse o QR CODE e saiba mais sobre os nossos produtos

CAPRICHO & thérapi

EI, NÃO CONFUNDE AÍ! NÃO SOU UM LIP BALM.

SOU UM MIX DE ÓLEOS ESSENCIAIS QUE A THÉRAPI E A CAPRICHO DESENVOLVERAM EXCLUSIVAMENTE PARA VOCÊ QUE QUER DAR AQUELE HELP NAS SUAS EMOÇÕES E SENTIMENTOS.

X X X

PRA CONTAR COMIGO É FÁCIL

É SÓ APLICAR NAS ÁREAS QUE VOCÊ QUISER, TIPO PULSOS E PESCOÇO. DEPOIS, MASSAGEAR O LOCAL COM A PONTA DOS DEDOS.

SEU STICK COM A SUA CARA!

CADA CAIXINHA VEM COM UMA CARTELA DE ADESIVOS EXCLUSIVOS E COLECIONÁVEIS PRA VOCÊ PERSONALIZAR DO SEU JEITO.

OI DA EDITORA

Oiê. Que bom te ver de novo por aqui. Estávamos ansiosos para esse encontro, já que nosso último foi lá em dezembro do ano passado, nas bancas, com uma edição impressa (aham, impressa, repetindo: impressa) e uma celebração da história da CAPRICHO.

Em 2025, a revista completa 73 anos de existência e estamos aqui, de novo, com uma edição super especial cumprindo o nosso combinado: vocês pediram, então a CH será impressa duas vezes ao ano, em julho e em dezembro. Conseguimos.

Fazia muito tempo que a gente não se encontrava assim com frequência: de revista na mão, coração acelerado e aquela vontade boa de mergulhar nas próximas páginas como quem encontra uma nova amiga ou descobre algo novo. E olha só onde a gente chegou. Voltamos. **Pela segunda vez e com Tasha & Tracie na capa.**

Escolher as gêmeas para estampar essa edição foi natural. Elas são o retrato de uma juventude que não se dobra, que cria, que transforma e que entende que o mundo também é delas. Que faz moda com identidade, arte com verdade, com ação.

Enquanto durante a pandemia elas criavam clipes caseiros direto de um celular, hoje elas são entendidas como verdadeiras it girls — ou seja, inspirações para outras meninas — e elevam o patamar da cena do rap feminino no Brasil.

Em uma capa cheia de presença, Tasha & Tracie representam milhares de meninas que hoje entendem que existe espaço — sim! — para suas histórias. "Existem várias narrativas de pessoas negras, e a nossa, na época que a gente começou, não era tão representada", compartilhou Tracie à repórter Bruna Nunes. "Hoje eu já vejo mais, mas é isso: tento fazer o que eu queria ver, o que eu queria assistir. E se quero ver isso, outras pessoas também vão se identificar", complementa uma das gêmeas, enquanto Tasha concorda com ela.

Bruna retornou à CAPRICHO para esse papo especial após ter sido estagiária na redação. Em um texto em primeira pessoa, com direito até a depoimento pessoal. Sim, ela é não só muito fã de T&T, como tem uma história longa com a revista.

Sabemos que essa travessia da adolescência e da juventude não é fácil (quando foi, né?), mas também é potência. Por isso, a história de Pedro Batalha e Hisan Silva, diretores criativos da Dendezeiro, encanta e traz possibilidades de futuro.

Ao longo das próximas páginas, queremos que você aproveite e faça desse espaço muito mais do que uma revista. Mas é claro que a gente traz os famosos testes de personalidade, as trends e as conversas que fazem da CAPRICHO o que ela sempre foi: uma revista feita com afeto, olhar apurado e conexão real com quem lê: você aí do outro lado.

Obrigada por estar aqui com a gente — seja pela primeira vez ou desde sempre. Essa revista é sua. E é só o começo.

Com carinho,

Andréa Martinelli

editora-chefe

Helena Obersteiner

DESMUNDO

Leandro Assis

Antônio Luvs

FALE COM A CAPRICHO!

Comentários, sugestões, críticas, informações: capricho@abril.com.br

SITE E REDES SOCIAIS
www.capricho.com.br
instagram.com/capricho
facebook.com/capricho
tiktok.com/@capricho
twitter.com/CAPRICHO

REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA
301 USINA - AV. ALCIDES SANGIRARDI, S/N - ESPAÇO C - CIDADE JARDIM, SÃO PAULO - SP, 05672-015

CANAIS DE ATENDIMENTO
AUTOATENDIMENTO:
http://www.abrilsac.com
Por WhatsApp: (11) 3584-9200
Por e-mail: atendimento@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um email para licenciamentodeconteudo@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br/

EDIÇÕES DIGITAIS NO GOREAD
https://goread.com.br/

VENDAS
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no Exterior: publicidade@abril.com.br www.assineabril.com

WWW.GRUPOABRIL.COM.BR

EDITORA Abril
Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO: Maurício Lima

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira
DIRETOR DE TECNOLOGIA Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

CAPRICHO

EDITORA-CHEFE: Andréa Martinelli
ARTE: João Barreto (designer), Matheus Carvalho (designer)
REPÓRTERES: Anny Caroline Guerrera (Repórter de Entretenimento), Juliana Morales (Repórter de Comportamento e Sociedade), Sofia Duarte (Repórter de Moda e Beleza), Arthur Ferreira (colaborador de entretenimento)
REDES SOCIAIS: Juliana Kataoka (coordenadora de redes sociais)
ESTAGIÁRIOS: Rômulo Santana (Estagiário de Entretenimento), Mavi Faria (Estagiária de Comportamento), Duda Cardim (Estagiária de Moda e Beleza).

PROJETO GRÁFICO: jotave & mathy

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Isabelle Índia (foto), Pâmela Anastacio (assistente de foto), Gabriel Moreira Ferreira (assistente de foto), Natasha Soares (assistente de foto), Phelipe Mortosa (retouch), Pedro Moura (stylist), Bruno Correia (coordenador de styling),Vanessa Cordeiro (assistente de styling), Deise Nicolau (assistente de styling), Luara Marcondes (assistente de styling), Sandra Galo (camareira), Mc Donald's (catering), Steyce Borges (beleza), Sthefdoll (assistente de beleza), Regis Jua (assistente de beleza), Ayo Marques (assistente de beleza), João Fonseca (direção e edição de vídeo), Luisa Guarnieri (Ilustração), Antonio Luvs (Ilustração), Kanioko (Ilustrações horóscopo), Helena Obersteiner (Ilustração); Mariana Gonzalez (freelancer de texto), Julia Ribeiro de Lima (freelancer de texto), Gustavo Balducci (freelancer de texto), Adrienny Magalhães (freelancer de texto), Bruna Nunes (freelancer de texto de capa), Maki De Mingo (revisão de texto).

AGRADECIMENTOS

Equipe Tasha & Tracie, Time Adidas Brasil, Mc Donald's, Estúdio Galpão 8, e nós mesmos, porque colocar esse projeto no mundo foi, na mesma medida, especial e desafiador - pela segunda vez. É que a CAPRICHO merece — e vocês, leitores, também <3

CAPRICHO 1212 - ANO 72- nº1 - DEZEMBRO 2024
Impressa na plural indústria gráfica LTDA
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700
CEP: 06543-001 - TAMBORÉ - Santana de Parnaíba - SP

VEM CÁ!

MODO DE USAR
Se essa é a sua primeira vez com uma revista nas mãos, cola aqui.

VOCÊS PEDIRAM
E tem outras capas da CAPRICHO dentro da edição para você.

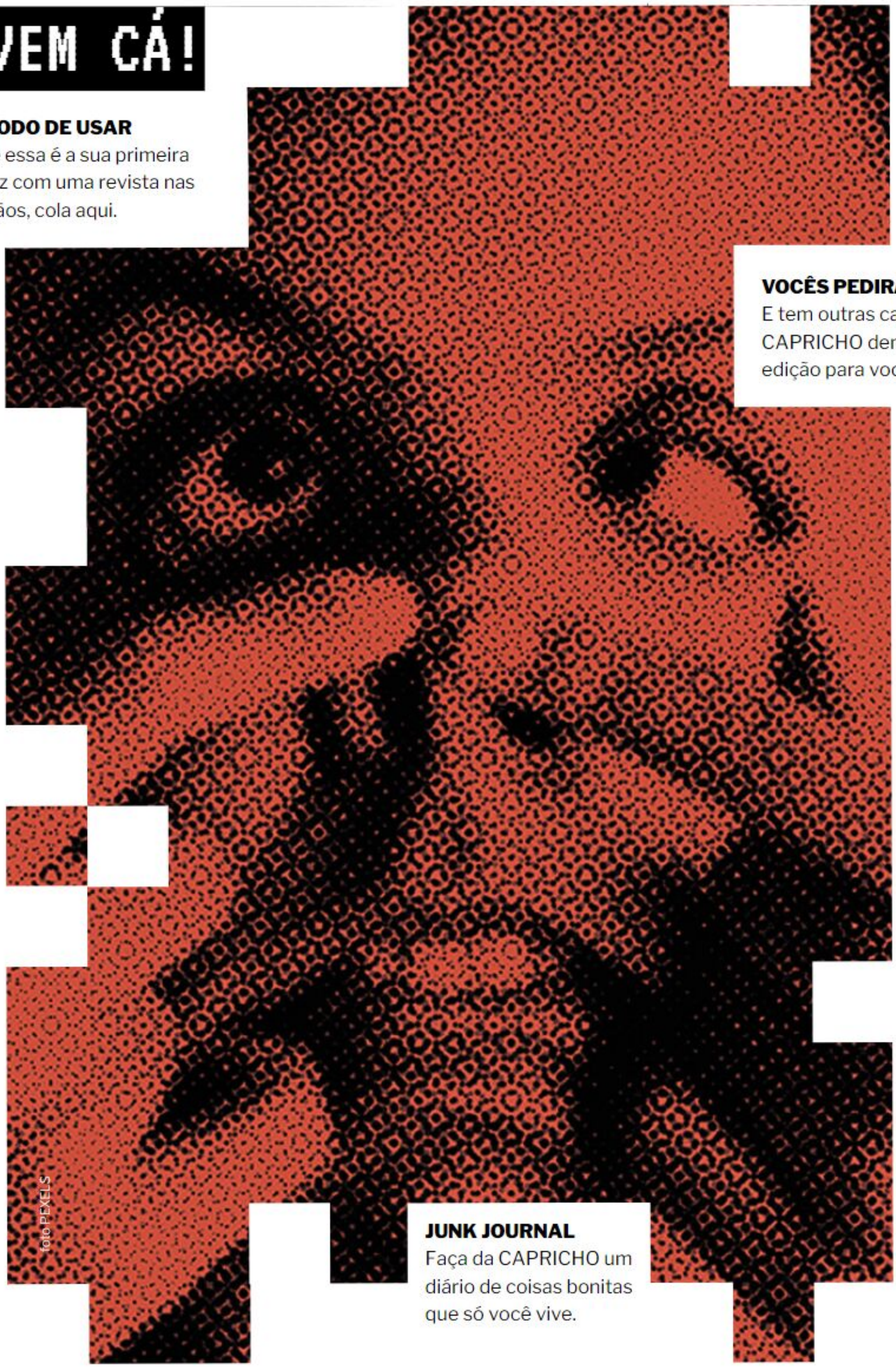


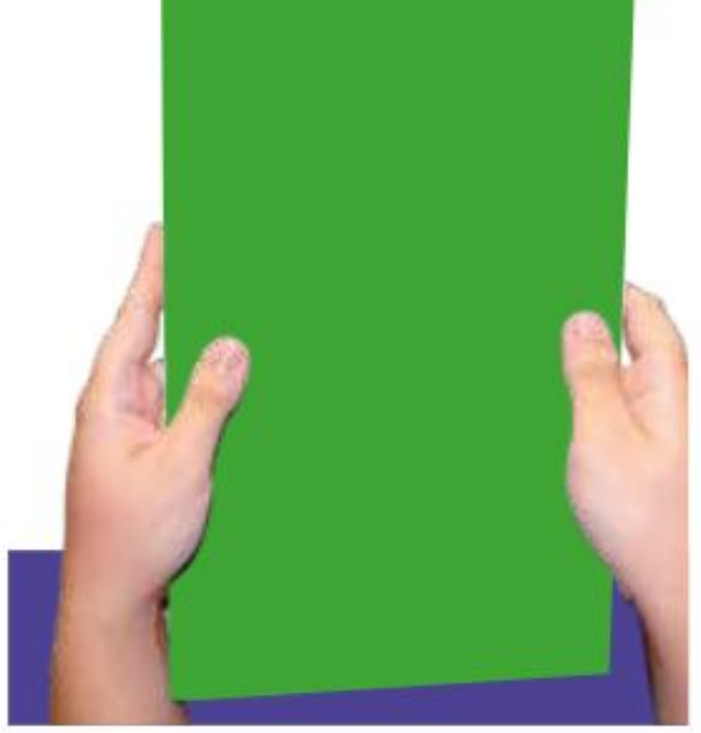
foto PEXELS

JUNK JOURNAL
Faça da CAPRICHO um diário de coisas bonitas que só você vive.

MODO DE USAR

NÃO TEM CERTO OU ERRADO NA HORA DE LER UMA REVISTA. MAS A EXPERIÊNCIA PODE SER AINDA MAIS DIVERTIDA.

PEGUE A REVISTA

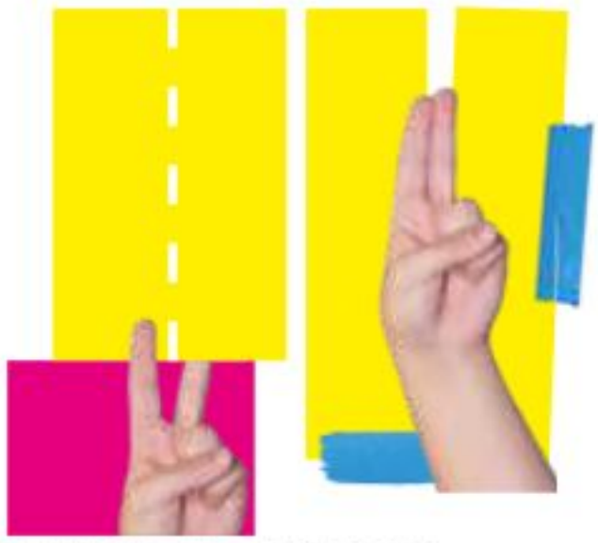


SEGURE COM AS DUAS MÃOS

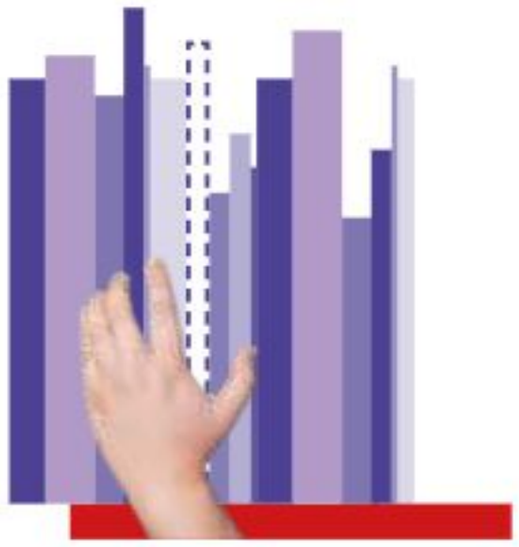
COMECE PELA CAPA

RELEIA, GRIFE, MARQUE COM POST-IT

REPARE NOS DETALHES



RECORTE, GUARDE COLE NO ESPELHO



GUARDE COM CARINHO

TEM VIDA ALÉM DO PAPEL

COMPARTILHE COM ALGUÉM

LEVE ONDE SEU CELULAR NÃO ENTRA

SE QUISER, FALE COM A GENTE!

AMOU UMA PAUTA? QUER SUGERIR OUTRA? A CAPRICHO SEMPRE FOI FEITA COM E PARA QUEM LÊ.

COLABORADORES

quem fez a CH com a gente.

JULIA RIBEIRO DE LIMA
Brinca que quando gosta, gosta muito. Jornalista, escreve sobre tudo que ama de verdade: ela assina o texto sobre amizade feminina.

HELENA OBERSTEINER
Artista visual curiosa que pesquisa 'Desenhos Feios'. Responsável por uma das ilustrações inspiradas no manifesto editorial da CAPRICHO.

BRUNA NUNES
Jornalista apaixonada pelo poder da cultura. Responsável pela entrevista de capa com as gêmeas Tasha & Tracie.

LUÍSA GUARNIERI
Artista gráfica interessada por toda e qualquer forma de expressão e ilustrou toda a parte de horóscopo desta nova edição ;)

PEDRO MOURA
Diretor criativo e stylist é natural de BH, e traduz estéticas em narrativas. Desta vez, traduziu todo o styling de capa desta edição.

ADRIENY MAGALHÃES
Jornalista que escreve como quem respira. A matéria sobre beleza e moda na periferia nesta edição é dela.

STEYONCÉ
Osasquense, maquiadora profissional e beauty creator. Ama criar explorando cores, formas e texturas diferentes. É responsável pela beleza de capa.

KANIOKO
Ilustrador com foco em personagens sem gênero, que exploram humor e identidade. Fez o "Ache o CH", que já virou um clássico!

ISABELLE ÍNDIA
Nova mente criativa na fotografia brasileira, faz parte do time criativo da Tasha & Tracie, e clicou as fotos do nosso ensaio de capa.

ANTÔNIO LUVS
É de Ceilândia (DF), ama música, cinema, moda, cultura LGBTQ+ e fez a ilustração focada no "Manifeste" no início da revista.

MARIANA GONZALEZ
Jornalista e pesquisadora em gênero, igualdade e direitos humanos. Vive, estuda e escreve muito por aí :)

GUSTAVO BALDUCCI
Fã profissional de muitas coisas e nunca perde um show. Escreve sobre k-pop e k-dramas na CAPRICHO.

ESTA CAPRICHO É DE _____

Como navegar

ÍNDICE

17 ESTAMOS OBCECADAS
Pelas novas capas da CAPRICHO (e sabemos que você também).

24 FAÇA O QUE VOCÊ QUISER
Aqui tem atividades para você ficar longe do celular. Sim, longe!

26 TASHA E TRACIE
Em um ensaio e entrevista de capa como os rouffers nunca viram.

44 SKINCARE É COISA SÉRIA
E não é para cair na tentação de usar aqueles dos potes coloridos, ok?

48 ARRUME-SE COMIGO!
Se arrumar pode ser um ato muito além da beleza e nós podemos provar.

52 DESOBEDECER É PRECISO
Criadores da Dendezeiro explicam porque estão fazendo a diferença.

56 TESTE!!! TESTE!!! TESTE!!!
É isso, mesmo, existe uma seleção de testes espalhados pela edição.

60 NÃO CUSTA TENTAR
Descobrimos o que acontece quando meninas batem na porta de políticos.

66 COP30 É NO BRASIL!
Marcele Oliveira é quem vai representar a juventude no evento este ano.

70 MELHORES ATÉ AGORA
Estamos mais do que ansiosos para viver o ano musical que vem aí.

76 PARK BO GUM NA CH
Falamos com o ator de 'Se a vida te der tangerinas...' e outra entrevista super especial.

82 ROMANCES DE ÉPOCA
Nós amamos e te contamos porque eles estão em alta no momento.

92 ESSA TRETA VALE?
Porque é importante cultivar amizades além do amor romântico.

96 MAIS S.O.S SEXO...
Com uma lição sobre aproveitar o próprio prazer (com responsabilidade).

98 TUDO DE MÍSTICO!!!!
Veja qual é a carta do segundo semestre e o que ela promete.

100 E HORÓSCOPO!!!!
Imperdível daquele jeito CAPRICHO que você conhece.

114 ENCONTRE O CH!!!!
Existem 7 CH's perdidos na última página da revista.

26
60
52
48
92
76
70
82

ESTAMOS OBCECADAS

PELAS NOSSAS CAPAS DIGITAIS E IMPRESSAS

Voltamos com as edições digitais em agosto de 2023 e engatamos um relacionamento muito sério com elas — tanto que, agora, temos duas revistas impressas ao ano. **É mole?**

Foram muitas primeiras vezes: **Duquesa**, uma das mulheres jovens em ascensão no rap nacional fez sua primeira capa solo com a gente; demoramos meses para reunir todo o elenco jovem (e o futuro da televisão brasileira) em apenas um único dia; fomos o espaço em que **Flor Gil** contou sua história em primeira pessoa - sem o peso do sobrenome que tem - e com um álbum para chamar de seu.

Agora, trouxemos **Tasha & Tracie** para contar uma nova história com a gente sobre moda, beleza, música e, sobretudo, ser protagonista sem medo. Nas páginas a seguir, você vê todas essas capas e outras que a equipe CH selecionou com carinho.

Você pode levá-las para onde quiser (ou não) e até destacar da revista. Esta página, em que você lê esse texto, foi feita para você montar a sua própria capa, do seu jeito*. **Bora?**

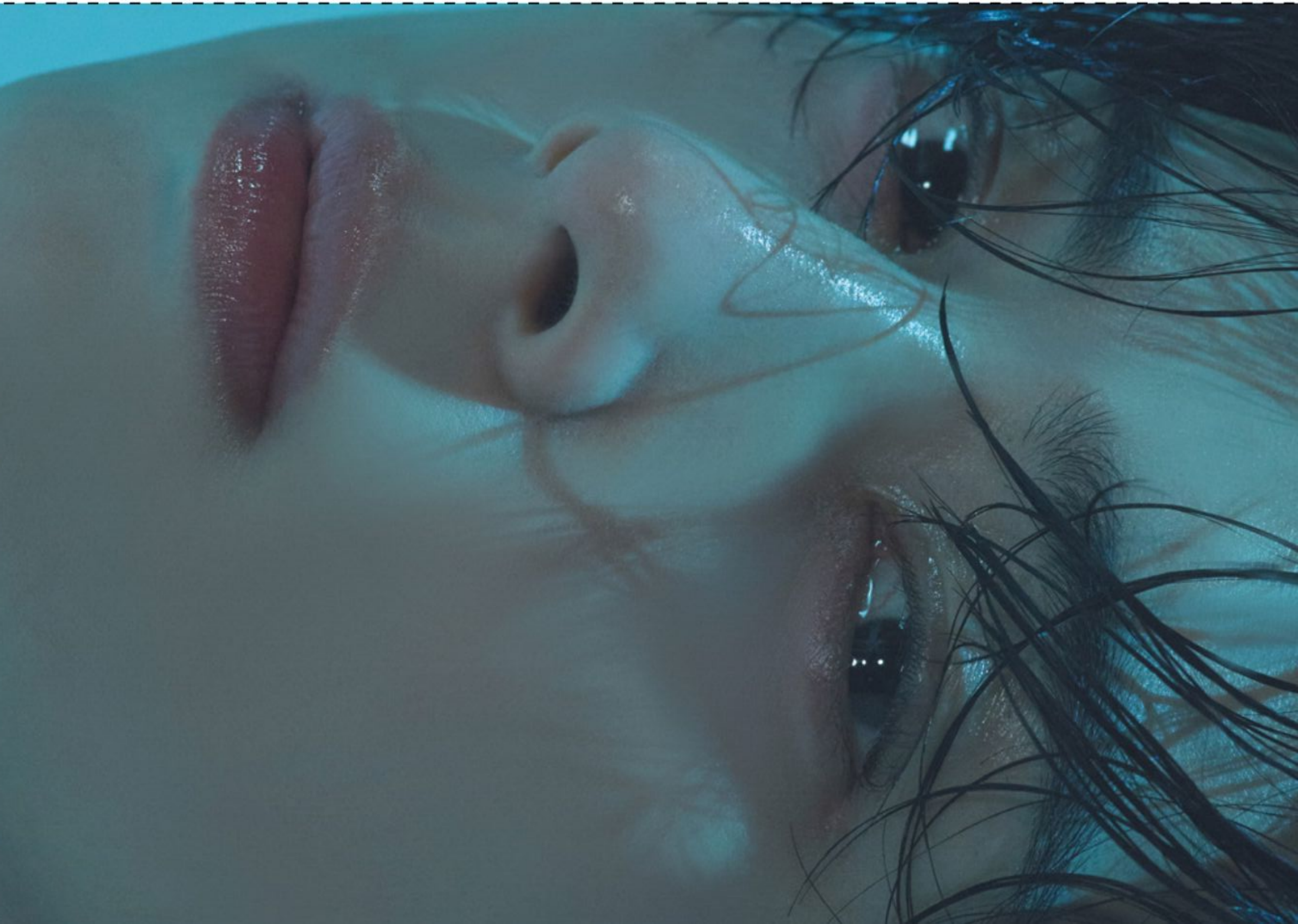
*Assim que você terminar, publique nas redes sociais com a **#MinhaCAPRICHO**. Estamos de olho!

Foto por: Camila Tuon/CAPRICHO

recorte aqui!

Foto por: Elisa Maciel/CAPRICHO

Foto por: Fantagio/CAPRICHO



recorte aqui!

Foto por: Larissa Kreili/CAPRICHO

Foto por: Fred Otthero/CAPRICHO

recorte aqui!

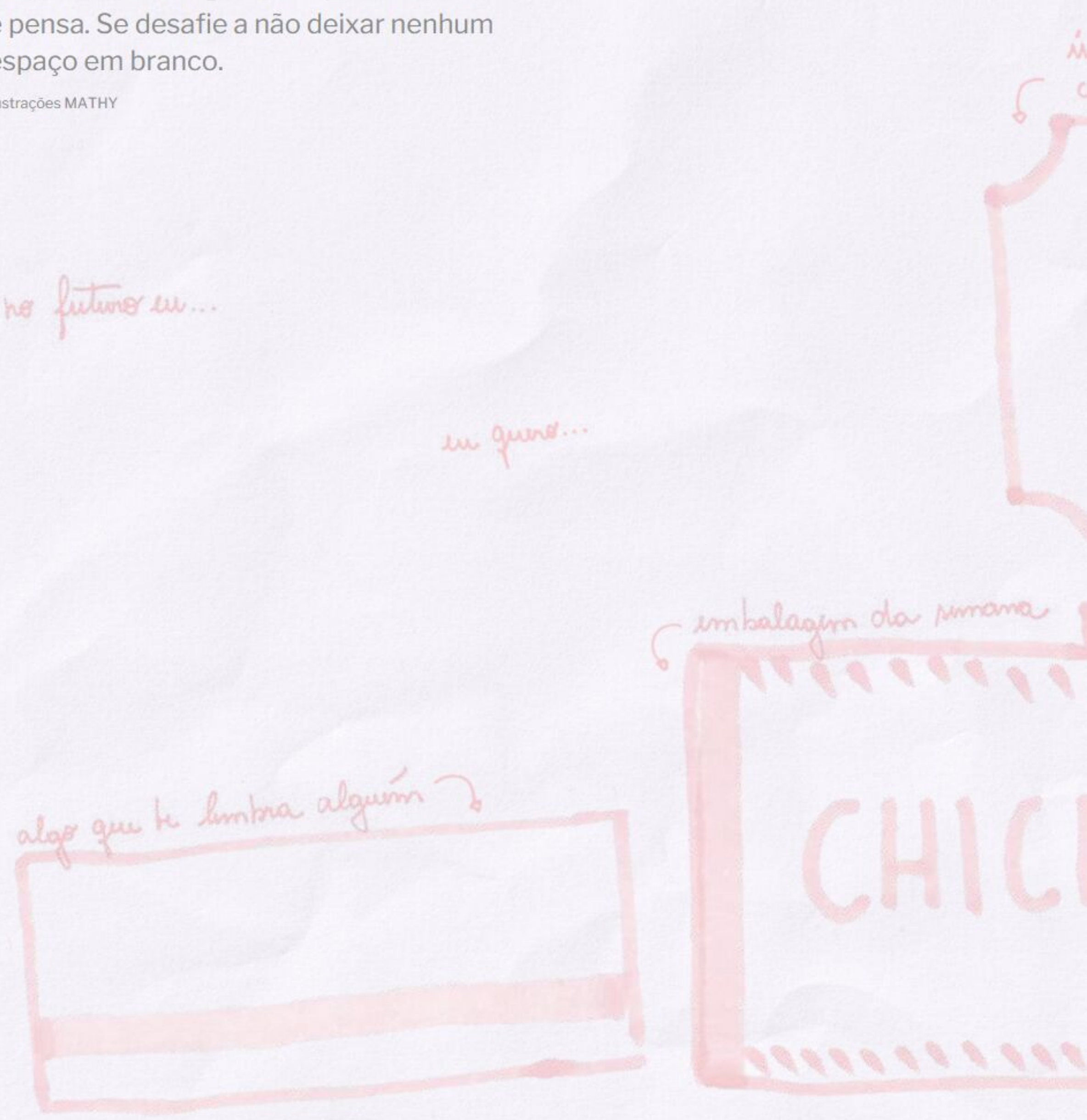
Foto por: Jonathan Wolpert/CAPRICHO

Foto por: Juliana Frug/CAPRICHO

MEU JUNK JOURNAL

Sim, essa página é sua. Para colar, rasgar, escrever e registrar o que você vive e pensa. Se desafie a não deixar nenhum espaço em branco.

ilustrações MATHY



algo que te
surpreenda (muito!)

última vez no
cinema ou show

NOVA ERA,

Muito além do rap, Tasha & Tracie usam estilo e voz para fortalecer meninas da quebrada — e construir um império com identidade.

texto BRUNA NUNES

NOVAS REGRAS.

FOTOGRAFIA: Isabelle Índia; STYLING: Pedro Moura; BELEZA: Steyce Borges; TRATAMENTO: Phelipe Mortosa; VÍDEO: João Fonseca;
Assistente de fotografia: Pâmela Anastacio, Gabriel Moreira Ferreira, Natasha Soares; Produção de moda: Bruno Correia, Vanessa Cordeiro, Deise Nicolau, Luara Marcondes; Assistente de beleza: Sthefdoll, Regis Jua, Ayo Marques; Vídeo: João Fonseca; Agradecimentos: Pix 6 Estúdios, Adidas e Mc Donald's.

RDUAS

Escutar as gêmeas Okereke é sempre uma aula. Cada fala delas carrega uma vivência coletiva, afinal, as artistas não só movimentam o mundo do rap, como transformam os caminhos de muita gente — o da jornalista que escreve este texto, inclusive — seja por meio da moda, da beleza ou de suas músicas.

Entrevistá-las e tentar transmitir a você, leitor e leitora da CAPRICHO, a transformação que elas provocam no mundo é uma baita responsabilidade para mim e, por isso, essa entrevista de capa vai ser um pouco diferente do que você, aí do outro lado, está acostumado.

Enquanto eu te conto quem são as meninas que mudaram a autoestima das jovens da periferia, as "it favelas", eu também vou trazer um pouco da minha perspectiva, algo que não é tão comum assim no jornalismo, já que estamos aqui para te conectar com os artistas e não falar por eles.

É, eu sei o que você está pensando. É muito daora ver a dupla Tasha e Tracie na capa desta edição impressa. No dia da sessão de fotos que compõem essa edição, meu posto Rouffer (título dado à fanbase das gêmeas) se uniu ao meu posto de repórter. A convite da CH, bati um papo com as rappers sobre referências, planos de futuro e claro, música e moda.

Na nossa conversa, Tracie me contou que tudo começou com propósito mesmo — mas acabou fugindo um pouco do controle, e isso foi ótimo. "A gente queria atingir pessoas iguais a nós e, no fim, a gente acabou inspirando vários projetos, várias pessoas a fazerem coisas novas. Isso é uma coisa muito especial para a gente".

E "bota" especial nisso. Um pouco antes da circulação desta revista, as gêmeas — que são do signo de gêmeos - estavam prestes a embarcar em sua primeira turnê europeia, lançar novo álbum e se consagrar como embaixadoras da Adidas para a América Latina. E isso é resultado de um trabalho e tanto.

Filhas de mãe brasileira, pai nigeriano, elas contam que sempre tiveram um objetivo maior do que "só aparecer", elas desejavam criar formas de fortalecer a autoestima de pessoas negras — e a sua própria. "Quando nossa história não é contada, nada muda", resumiu Tracie.

Seus trabalhos são cheios de referências culturais, para além de artistas como Tupac ou o estilista Dapper Dan, elas citam em suas músicas figuras como a escritora Carolina Maria de Jesus, Peter Tosh, e até mesmo, "Amina", uma rainha da terra de Zazzau, ao norte da Nigéria - e, spoiler, o nome dela é título do próximo single.

E só o que consegui "tirar" delas sobre o novo álbum foi que "a gente está aprendendo a viver fora do estado de alerta, de sobrevivência" pontuou Tasha. "Ele mostra nossa evolução. Vai compactar tudo o que a gente passou. Se alguém não entendeu Rouff e Diretoria, talvez entenda agora."

TASHA
TERNO COMPLETO Dolce Gabanna
BRINCO DIREITO Dolce Gabanna
BRINCO ESQUERDO Acervo Pessoal
CAMISETA adidas
ANÉIS Acervo Pessoal
TÊNIS adidas

TRACIE
BLAZER Francesca
BRINCO DIREITO Dolce Gabanna
BRINCO ESQUERDO Yves Saint Laurent
TOP DE MIÇANGAS @Pendul.o
CALÇA Dolce Gabanna
TÊNIS adidas

“A GENTE ENTENDE
QUE TEM MUITA GENTE
QUE USA O CONHECIMENTO
PRA SE SENTIR MAIOR,
E NÃO PARA MUDAR
AS COISAS.”

ELAS DÃO O NOME

Tasha me contou que, lá atrás, elas eram vistas como “doidinhas”. “Todo mundo achava que a gente acreditava demais em algo que era muito distante para alcançarmos. Hoje, a gente criou um nicho, o nosso nicho Tasha e Tracie.” E é sobre ele que quero conversar.

Esse nicho citado por ela foi criado nas ruas da Zona Norte da cidade de São Paulo — e não é de hoje. As gêmeas, que hoje têm 29 anos, começaram esse corre todo lá atrás, na adolescência.

Elas perceberam que o que buscavam para si poderia impulsionar muitas outras jovens. É dessa fonte que nascem projetos como o Expensive $hit, um blog de moda e cultura sob a ótica negra e periférica que chegou até Dapper Dan, um dos maiores estilistas norte-americanos, conhecido por unir moda e hip-hop; o coletivo MPIF (Mulher Preta Independente De Favela) e, claro, os projetos musicais.

“Acho que o mais importante nisso são as nossas escolhas, porque a gente sempre quis, de certa forma, fortalecer pessoas de quebrada. É um trabalho que a gente faz de impor respeito, de ensinar às pessoas como trabalhar com pessoas como nós, de falar alguns nãos, que faz parte”, aponta Tracie.

O nicho, gradualmente, foi se transformando em um “império”. Enquanto, durante a pandemia, elas criavam clipes caseiros direto de um celular, hoje elas são entendidas como it girls — ou seja, inspirações para outras meninas — e elevam o patamar da cena do rap e feminina no Brasil.

E VAI MAIS LONGE AINDA

Um dos projetos mais importantes nesse quesito, por exemplo, é o estúdio EHXIS. Ele é pensado para fortalecer novos artistas periféricos e jovens; lá, elas compartilham conhecimento e criam quase que um laboratório cujo objetivo é ensinar a fazer música e clipes de forma autoral e com pouco recurso, mas com algo essencial: respeito aos artistas desde a concepção das ideias até o contrato estipulado.

"A gente fez uma engrenagem girar sozinha, tanto o nosso trampo quanto o das pessoas à nossa volta são meio que autossustentáveis", resumiu Tasha. "Às vezes, o que as pessoas chamam de panela é realmente fazer o dinheiro girar. Isso é parte de um império também. A gente tem uma marca, a gente tem estúdio, a gente tem vários braços de um império", explicou Tracie, destacando as iniciativas.

Para Tasha, essas iniciativas se resumem a algo que todo mundo passa por algum momento na vida: a necessidade de entender quem se é, moldar a própria identidade e vê-la representada.

"Existem várias narrativas de pessoas negras, e a nossa, na época que a gente começou, não era tão representada. Hoje eu já vejo mais, mas é isso: tento fazer o que eu queria ver, o que eu queria assistir. E se eu quero ver isso, outras pessoas também vão se identificar."

TRACIE
VESTIDO Vivao
SAPATO Vitureta

TASHA
TOP Vivao
CASACO Vivão
SAIA SSJheni
CINTO Acervo Deise
SAPATO Vitureta

"TENTO FAZER O QUE EU QUERIA VER, O QUE EU QUERIA ASSISTIR. E SE EU QUERO VER ISSO, OUTRAS PESSOA"

LEIA A ENTREVISTA COMPLETA ABAIXO

CAPRICHO: Vocês desbravaram muitos caminhos e conquistaram muito espaços. O que significa para vocês serem reconhecidas no lugar em que estão hoje, como artistas e empresárias?

TASHA: Mano, eu acho muito da hora, porque quando a gente começou, era algo muito distante pra gente. Eu sempre falo isso, né? Que a gente era meio que 'as doidinhas'. Então, eu fico muito feliz. Tipo, ninguém acreditava de verdade, e hoje, eu acho que faz de luz mesmo, porque a gente criou um nicho, né? Eu acho, tipo, um nicho nosso, nicho Tasha e Tracie.

TRACIE: É, eu acho que... É, pra gente é muito legal, porque a gente... Desejávamos bem menos, assim. A gente queria atingir pessoas iguais a nós e, no fim, a gente acabou inspirando vários projetos, várias pessoas a fazerem coisas novas. Várias minas e tal, então isso é uma coisa muito especial.

Lá atrás, vocês falavam sobre a construção de um império. O que essa ideia significa hoje?

TRACIE: Cara, eu acho que, de certa forma, a gente fez isso, e eu acho que as pessoas talvez entendam daqui a um tempo. O império, ele é muito sobre ter várias pessoas, e é isso que a gente faz. Às vezes o que as pessoas chamam de "panela" é realmente fazer o dinheiro girar. Isso é parte de um império também, a gente tem uma marca, a gente tem estúdio, a gente tem vários braços de um império, e eu acho que o mais importante nisso são as nossas escolhas, porque a gente sempre quis, de certa forma, fortalecer pessoas de quebrada. É um trabalho que a gente faz de impor respeito, de ensinar às pessoas como trabalhar com pessoas como nós, de falar alguns nãos, que faz parte.

TASHA: Sim, eu acho que a gente está na construção, mas que a gente já criou várias coisas. A gente fez uma engrenagem girar sozinha, que tanto o nosso trampo quanto das pessoas à nossa volta são meio que autossustentáveis com as coisas que a gente tem. Hoje a gente tem câmeras para poder fazer os nossos videoclipes dos nossos artistas, a gente tem a nossa loja, que também emprega outras pessoas. Então a gente está nesse começo aí, de fazer os nossos serem autossuficientes.

Vocês estão prestes a sair em turnê internacional, pela primeira vez na Europa. Mas vocês já tem reconhecimento por lá já há um tempo, primeiro com o blog de moda e depois em uma indicação no BET Awards. Esses dois lados se encontram ou se diferenciam com a turnê?

Tasha: Acho que esse reconhecimento é importante de duas formas. Primeiro, porque a gente se sente em sintonia com o que faz. Muitas pessoas que notaram nosso trabalho são referências para a gente, têm uma ligação estética, ou a gente realmente gosta e se conecta com o trabalho delas. Isso é muito interessante, porque mesmo sem contato direto, a gente chegou até essas pessoas, e elas se identificaram.

Sinto que ainda não mostrei tudo o que quero fazer, principalmente na moda. E ver alguém como o Dapper Dan olhar o pouco que a gente fez e já entender o contexto e querer abraçar, foi o que fez a gente acreditar.

O blog ainda rende muita visibilidade internacional para o corre de vocês...

TRACIE: Até hoje, muito trampo que a gente faz vem do blog, e principalmente internacional, muita coisa que chega na gente, vem de consultoria. Muita gente que a gente vem trabalhar hoje reconheceu o blog, sabe?

É um legado muito importante pra gente por isso, né. E também é importante quando pessoas que pra vocês são inalcançáveis e são referências, reconhecem o seu trabalho. E foi em momentos que a gente tava precisando disso, tipo, desse fôlego... Não eram os melhores momentos na nossa vida, sabe?

TASHA: É um pouco triste e, ao mesmo tempo, é muito importante porque a gente é vista, enxergada de outra forma, né? Muitas coisas precisam acontecer lá fora para as pessoas olharem, valorizarem ou darem o crédito para a gente.

É triste que outras pessoas precisaram olhar, precisaram vir de fora, olhar para a gente e ter esse interesse. Mas a gente tá acostumada, né?

Eu tenho uma memória muito legal da MC Menorzinha anunciando seu retorno à carreira em um palco com vocês, e as três se emocionando. Vocês viraram ref da ref de vocês.

TRACIE: Com a Menorzinha, por exemplo, eu era muito fã dela e, em um momento, ela sumiu. Procurei muito na internet e não achei. Quando ela veio falar comigo, conversei com ela sobre voltar. Falei que, se precisasse da gente, a gente estaria ali. Teve um tempo que ela era a única mina em São Paulo fazendo o que fazia. Era importante para a história, mesmo.

E, mesmo com medo, falei que ela precisava ocupar esse lugar, contar essa história. Porque, quando nossa história não é contada, nada muda. Então, para a gente, é muito forte quando pessoas que nos inspiram passam a ver a gente como inspiração. Isso mostra que estamos fazendo as coisas certas, com a energia certa, na intenção certa.

O que faz o trabalho de vocês furar tantas bolhas?

TRACIE: A gente achava que certos lugares iam ser receptivos, acolhedores, culturais, acadêmicos... mas não eram para pessoas como nós. Era um lugar onde você já tinha que saber tudo: já tinha que ter lido tal livro, já tinha que ser letrada, já tinha que saber isso e aquilo.

A gente entendeu que tem muita gente que usa o conhecimento pra se sentir maior, e não para mudar as coisas. Então, acho que vem desse lugar de falar de igual para igual com pessoas como a gente. Nosso objetivo não é ser heroína de nada, nem perfeita, nem a mais politicamente correta. A gente quer falar com quem talvez se reconheça até nos nossos erros, nos nossos defeitos.

TASHA: Crescendo, entendi que queria representar a minha própria narrativa. Existem várias narrativas de pessoas negras, e a nossa, na época que a gente começou, não era tão representada. Hoje eu já vejo mais, mas é isso: tento fazer o que eu queria ver, o que eu queria assistir. E se quero ver isso, outras pessoas também vão se identificar.

Vocês têm uma identidade. Mas como é o processo criativo de vocês?

TASHA: Então, é muito diverso. Às vezes eu já chego com uma ideia, às vezes ela chega com uma ideia, às vezes a gente vai construindo ou conversa sobre o caminho que a gente quer ir, mas normalmente cada uma faz a sua parte, tipo, pega o seu tempo para pensar e juntar as suas ideias.

Na maioria das vezes, a gente troca, mas se, por exemplo, ela já entregou uma parte, eu vou escutar e vou entender o que aquela música precisa a partir daquilo. Então, às vezes está tão completo que eu só preciso fazer um refrão ou algo para emoldurar aquilo que ela já fez. Então, tem muita harmonia.

TRACIE: A prioridade é a música, porque assim, às vezes você vai fazer o som com alguma pessoa e ela acha que se destacar é rimar seis minutos, se você rimou dois, entendeu? E não. Na verdade, a gente tem que entender o que a música precisa. E isso também independente do que o público quer, porque às vezes o público quer uma coisa de um minuto e a gente não. Então, tem esse equilíbrio aí do que a gente acha que a música precisa e complementa.

Tem algum gênero musical que vocês ainda querem explorar?

TASHA: Tudo que vem do povo preto, mas quero muito lançar um Afrobeat.

TRACIE: Vish, muita coisa. A gente ama funk, por exemplo, mas ainda não conseguiu lançar tudo o que queria nesse gênero. Também gosto da ideia de explorar mais coisas com percussão, sabe?

O que falta às pessoas entenderem sobre cultura negra e periférica?

TASHA: Acho que as pessoas ainda não entenderam que nem tudo é feito para você. E que nem tudo que não é feito para você é ruim, ou bom, sabe?

Eu acho que as pessoas têm que sair do óbvio. É muito difícil quando a gente chega com algo que as pessoas nem entendem, tem o processo do hate, para depois ficarem exaltando aquilo. Então, acho que parar de olhar com essa perspectiva egoísta, e tentar olhar a arte pelo espectro do artista mesmo. Tipo, "o que esse artista quer comunicar?" e não "o que isso tem a ver comigo?".

TRACIE: Acho que é muito isso mesmo o que ela disse. E, assim, todas as pessoas marginalizadas tem um recorte. Todo mundo é colocado em uma mesma caixa. Principalmente mulher, né? Tipo assim, você vai comparar meu som com uma mina que faz grime, mas ela não tá tentando ser eu e nem eu, ela. A gente não é do mesmo nicho, entende? E a gente é muito mais do que nosso recorte. Sou mulher, sou preta, mas sou muita coisa também. Minha música tem referência, tem batida, tem processo. Só que as pessoas não estão dispostas a ouvir.

“O MAIS IMPORTANTE
SÃO AS NOSSAS ESCOLHAS.
A GENTE SEMPRE QUIS,
DE CERTA FORMA,
FORTALECER PESSOAS
DE QUEBRADA.”

TRACIE
POLO adidas
SHORT Acervo Deise
CINTO Acervo Pessoal
TÊNIS adidas

TASHA
BLUSA ADIDAS
BERMUDA @índex
CINTO Acervo Pessoal
TÊNIS adidas

E vem aí um novo álbum? O que podemos esperar dele?

TASHA: Acho que esse novo momento fala sobre um lugar diferente que a gente está vivendo. A gente já tem quase 30 anos, e tá aprendendo a viver fora do estado de alerta, de sobrevivência. A gente sempre achou que só precisava de dinheiro para ser feliz, mas tem os traumas, o medo de ficar sem nada, o sentimento de que é uma fraude, o pânico de parar de trabalhar.

TRACIE: A gente tá em outra frequência, fazendo as coisas com calma. Refazendo beat cinco vezes se precisar, testando temas. Acho que o spoiler que dá pra dar é que ele mostra nossa evolução. Vai compactar tudo o que a gente passou. Se alguém não entendeu Rouff e Diretoria, talvez entenda agora. E tem esse lado que ninguém vê: que o rap é negócio também.

Um recado para os Rouffers que vão pegar essa revista nas mãos?

T&T: Sem vocês a gente não estaria realizando isso aqui.

Para: **Redação da CH**

Cc:

Assunto: **CAPRICHO - JULHO 2025**

De: **Bruna Nunes**

Quando eu tinha 13 anos, me inscrevi pela primeira vez na Galera CAPRICHO. Fiz isso meio desacreditada, mas contei os anos para atingir a idade mínima de inscrição.

Isso foi "só" há 10 anos, mas eu ainda carregava aquela velha impressão de que talvez esse espaço não fosse para meninas como eu. E isso me intrigava, porque, mesmo assim, eu continuava tentando. Algo, lá no fundo, me fazia acreditar na ideia.

Com uns 14, 15 anos, escrevi essa mensagem e enviei na página do Facebook da CAPRICHO. ALERTA DE DRAMA:

> Olá Capricho, meu nome é Bruna (como vocês podem ver) e eu por alguns motivos acabei perdendo o tempo da inscrição da galera Capricho 2017-2018! Fiquei muito mal! Como sou brasileira e não desisto mandei minha inscrição mesmo assim, sei que vai ser praticamente impossível vocês verem mas é sempre bom tentar, né? Agora, fiquei pensando se vocês podem achar injusto eu mandar depois e não sei se muitas garotas fazem isso, então eu gostaria de saber: vocês não vão em hipótese alguma estender um tanto o período das inscrições? É meu sonho de verdade fazer parte, eu acabei nem preenchendo direito pois já sabia que a resposta seria não pela questão do tempo... Desculpem ser tão inconveniente, agradeço desde já!

Dou muita risada e tenho um pouco de vergonha dessa história, mas ela me faz lembrar que consegui. O resto vocês já sabem: com 17 anos, batendo na trave da idade máxima para me inscrever, eu me inscrevi e entrei para a Galera CAPRICHO - o grupo super cobiçado de leitoras-colaboradoras. Foi uma das conquistas mais genuínas que carrego comigo. De "galerer", virei estagiária e assinei texto de capa.

Foi na CAPRICHO que tive a oportunidade de vivenciar coisas que nem imaginava. O mais bonito é que, mesmo com um sonho realizado, nunca perdi aquela Bruna de 13 anos de vista. Ela via na CAPRICHO um guia que a abraçava e acolhia. Isso foi essencial para que eu me sentisse tão animada com cada pauta, porque entendo como é estar do outro lado. Amo ser leitora, mas amei mais ainda escrever.

Aqui eu descobri que minha paixão pelo jornalismo tinha um propósito válido, sim. E as gêmeas são peça essencial nessa história: eu lembro da primeira vez que conversei com Tasha e Tracie. Eu fiquei nervosa e animada ao mesmo tempo. Primeiro, por ser fã, segundo por encarar o desafio de traduzir o que elas significam para a juventude periférica. Esse motivo tornou tudo ainda mais marcante.

As mensagens dos Rouffers, sobre o quão importante foi terem se visto na CAPRICHO, me motivam até hoje. Uma vez, num encontro com as meninas — mesmo sendo a milésima vez que eu ia falar com elas — comentei que tinha muita insegurança e que ainda não ia aparecer no vídeo com elas. Talvez elas nem se lembrem, mas o "salve" que a Tracie me deu ecoa na minha cabeça até hoje. Em uma breve conversa, elas me parabenizaram, incentivaram meu corre e, principalmente, me aconselharam de um jeito muito singular. Acho que isso resume bem o porquê de ser tão importante assinar essa capa.

Essa é pros mema fita.

Beijos, CAPRICHO! Eu amo vocês.

Brubsz

UM SALVE DOS MALOKA

Por trás da força, da estética e da potência musical de Tasha & Tracie, existem pessoas que acompanham de perto os bastidores dessa caminhada. E que, mais do que fãs, são parte dessa construção. Com olhares íntimos, afetivos e genuínos, amigos, parceiros, familiares e fãs respondem à pergunta: o que mais te inspira em Tasha & Tracie?

texto ADRIENY MAGALHÃES

"Elas me inspiram de muitas formas, mas a principal é essa capacidade de dar a *volta por cima* quando ninguém mais acredita. Aprendi muito sobre mim mesma com elas."

GABRIELA OKEREKE

irmã de Tasha & Tracie

"Hoje, Tasha e Tracie são os maiores ídolos que tenho, também como referência na música. Me sinto feliz de viver essa era, de aprender com elas e ser inspirado."

Kyan

artista musical e namorado da Tasha

"Nada foi fácil pra elas. Vejo diariamente como quebram barreira por barreira, e saber de onde vieram e onde chegaram hoje é, pra mim, uma enorme fonte de inspiração."

GREGORY

artista musical e namorado da Tracie

"O QUE SEMPRE ME INSPIROU FOI A ORIGINALIDADE E AUTOAFIRMAÇÃO: SÃO MULHERES DE *personalidade, inteligência, visão* E *princípios*. NUNCA ABRIRAM MÃO DISSO PRA AGRADAR"

ISABELLE INDIA

fotógrafa

"Me inspiram profundamente. Sou grata por elas serem tão fiéis e autênticas — por causa disso, eu tive coragem de retomar minha história."

Mc Menorzinha

artista musical

"Em 2023, conhecê-las pessoalmente foi o melhor dia da minha vida. Elas representam autoestima, afeto e a possibilidade real de ocupar espaços com orgulho de ser quem somos."

THAYNA Fã da Central Tasha e Tracie

"Minha *conexão* com elas começou em 2019, ao pesquisar sobre o candomblé e encontrar um projeto delas com a Melissa. O que me inspira é a resiliência e como são fiéis à própria essência."

GABRIEL Fã da Central Tasha e Tracie

"O que mais me inspira é que elas **nunca deixaram de contar uma história.** Todas as músicas são um convite para estudar algo novo. Eu me reconheço muito em quem elas são e no que representam."

MC LUANNA artista musical

ELAS CHEGARAM PRIMEIRO

texto ABRIL BRANDED CONTENT
fotos ADIDAS/DIVULGAÇÃO

Tasha & Tracie, adidas Superstar e a união do estilo e esporte como revolução jovem, feminina e periférica.

Tasha & Tracie chegam como embaixadoras do adidas Superstar para somar — e muito. Elas já estavam com ele nos pés — nos bailes, nas ruas, nos palcos, nas rodas de conversa. E não por contrato, mas por escolha. A relação das gêmeas com a adidas, e com o tênis icônico, vem de longe, de um tempo em que ainda não se falava tanto de streetwear como potência de moda no Brasil e ele ainda não invadia as passarelas. Hoje, elas celebram a peça, que faz parte do passado, presente e futuro delas.

A CONEXÃO QUE VEIO DO CORRE

Criadas na zona norte de São Paulo, Tasha & Tracie Okereke são muito mais do que artistas multifacetadas: elas são pensadoras de estilo, curadoras de estética e comunicadoras natas. Quando o assunto é moda, cada look que elas montam carrega um recado — direto, afiado, necessário, assim como suas músicas.

Aqui na capa da CAPRICHO, em um ensaio que misturou estéticas, o Superstar foi escolhido não como uma peça nostálgica lá dos anos 70, quando foi lançado, mas como um ícone que faz parte do presente de meninas pretas e periféricas que fazem a moda acontecer com autenticidade.

"Usar um Superstar é, pra gente, quase um manifesto", contou Tracie. "A gente já sentia a força do tênis, o quanto ele representa pra cultura preta, pro hip-hop, pras quebradas." E isso é prova do quanto a adidas está presente na vida das pessoas e amplifica vozes periféricas, com protagonismo real.

E vale lembrar: o tênis Superstar carrega um peso histórico. Lançado nos anos 70 como calçado de basquete, ele virou ícone global nos anos 80, quando o grupo de rap Run-D.M.C. o adotou como parte de sua identidade visual — sem cadarços, com as línguas à mostra e muito flow. Desde então, o Superstar transcendeu o esporte e se tornou peça-chave do streetwear.

BRANDED CONTENT

OFICIALIZAR O QUE JÁ ERA REAL

Agora, com o lançamento da nova campanha oficial do adidas Superstar no Brasil, as gêmeas voltam a aparecer como protagonistas — mas desta vez com holofote global. Para quem acompanha sua trajetória, a sensação é poética: elas chegaram lá e agora representam uma geração periférica inteira que, finalmente, se vê nas vitrines.

"Quando vem da periferia, não é considerado moda, não é considerado cultura. Tudo é 'sub', sabe? Tudo vira 'urbano'. E 'urbano' é uma palavra usada justamente para tirar a gente de cena", continua Tracie.

Foi assim também com o Megaride. O tênis, que nasceu como um produto de performance da marca, ganhou novas camadas de significado nas mãos (e nos pés) delas; assim como as camisetas com estética de time.

As gêmeas transformaram a peça também em um item fashion — e de desejo. Desde o merch oficial, até o uso no dia a dia do modelo, elas exploram as camisetas com autenticidade.

"A gente sempre tentou incorporar as camisetas [de time e esportivas] de uma forma normal, no cotidiano. Nunca gostamos dessa questão de ter um lugar para usar tal coisa", entregam as gêmeas.

"A GENTE SEMPRE TENTOU INCORPORAR AS CAMISETAS DE UMA FORMA NORMAL, NO COTIDIANO. NUNCA GOSTAMOS DESSA QUESTÃO DE TER UM LUGAR PARA USAR TAL COISA

MUITO ALÉM DA ESTÉTICA

A escolha de Tasha & Tracie não é apenas estética. É política. É simbólica. É estratégica. A adidas, ao escalar duas das vozes mais potentes da moda periférica brasileira, alinha esporte, estética e identidade e em um movimento real: o de descentralização das narrativas, com vozes periféricas

Durante anos, o mercado da moda ignorou as potências criativas das bordas — hoje, elas comandam as conversas. A estética da quebrada virou linguagem global. E nomes como Tasha & Tracie estão não só no centro dessa virada, mas fazem parte da base dela.

Para meninas e meninos de periferia, ver duas mulheres pretas, com vivência real, comandando uma campanha de uma gigante global é um recado direto: estilo também nasce no bairro. Representatividade também veste 37. E futuro se faz com quem sabe olhar para trás — como Tasha & Tracie sempre fizeram.

Com o Superstar nos pés e a cabeça erguida, elas não só caminham — elas abrem caminho.

Representatividade também veste 37. E futuro se faz com quem sabe olhar para trás — como Tasha & Tracie sempre fizeram.

Com o **Superstar** nos pés e a cabeça erguida, elas não só caminham — elas abrem caminho.

TESTE

QUAL ITEM DE MODA QUERIDINHO DA TASHA E TRACIE É MAIS A SUA CARA?

TESTE

TESTE

1. A MÚSICA DAS GÊMEAS QUE VOCÊ MAIS OUVE É...

A) Arrume-se comigo
B) Willy
C) Diretoria
D) Tang

2. QUAL ARTISTA TAMBÉM NÃO SAI DA SUA PLAYLIST?

A) Ebony
B) Duquesa
C) Liniker
D) Ajuliacosta

3. QUAL TENDÊNCIA DE MODA VOCÊ USARIA?

A) Animal print
B) Calça de cintura baixa
C) Microshort
D) Camisa de time

4. VOCÊ ADORA COMPLETAR O LOOK COM...

A) Brincos de argola
B) Cinto de strass
C) Colar dourado
D) Óculos de sol espelhados

5. NA MAQUIAGEM, O SEU PRODUTO QUERIDINHO É...

A) Gloss marrom
B) Bronzer
C) Lápis de olho preto
D) Base glow

6. QUAL DESTAS SÉRIES VOCÊ JÁ MARATONOU?

A) Rainha Charlotte
B) Pose
C) Euphoria
D) Sintonia

7. QUAL MARCA CITADA EM 'ARRUME-SE COMIGO' VOCÊ MAIS GOSTA?

A) Versace
B) UGG
C) Gucci
D) Adidas

8. PARA CURTIR O SHOW DAS GÊMEAS, VOCÊ PREFERE USAR...

A) Regata branca e calça jeans
B) Corset e legging
C) Top cropped e short de moletom
D) Conjunto estampado e tênis

RESULTADO

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "A"

Bolsa de ombro

A bolsa de alça curta que fica embaixo do ombro traz um toque fashionista para os looks das irmãs, inclusive nas produções de shows, e também combina com seu estilo.

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "B"

Tracksuit

O conjunto esportivo formado por jaqueta e calça faz parte do streetwear e da identidade da moda periférica. As gêmeas mostram que essa opção confortável também fica superestilosa.

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "C"

Minissaia

Para Tasha e Tracie, a minissaia é uma peça-chave que funciona principalmente com corset ou blusa cropped. Que tal se inspirar nelas para pensar em jeitos diferentes de usar a sua?

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "D"

Tênis de mola

O tênis de mola é perfeito para quem, assim como as gêmeas, não tem medo de apostar em uma peça controversa e que traz toque esportivo com muita atitude para o visual.

MODA & BELEZA

PRIMEIROS PASSOS
Você apenas precisa de três produtos-chave para fazer o seu skincare.

ARRUME-SE COMIGO
Quando usar uma roupa ou se maquiar é algo que vai muito além disso.

foto DAVID BRENDOFT

ELES MUDAM TUDO
Dendezeiro conta sobre como é fazer moda autoral sendo jovem no Brasil.

SKIN CARE PARA ADOLÊ

por DUDA CARDIM

Consultamos especialistas e descobrimos opções acessíveis para manter uma rotina simples de cuidados com a pele — sem entrar na trend dos produtos coloridos (e desnecessários).

A gente sabe que a adolescência é uma fase complicada, principalmente quando o assunto é a nossa autoestima. É nessa época que o corpo começa a mudar, inclusive a nossa pele, que cria mais oleosidade, acne e manchinhas.

Pensando nisso, para fugir de produtos supercaros, viralizados no TikTok e que nem sempre são indicados para adolescentes, conversamos com os dermatologistas para entender quais são os melhores produtos para a nossa pele. Mas, antes de mais nada, repita com a gente: "os únicos passos que preciso para ter uma pele bonita e saudável são: limpeza, hidratação e proteção."

LIMPEZA

O ideal é manter uma rotina simples com produtos eficazes e acessíveis. Existem linhas nacionais e específicas para pele jovem e acneica. Sabonetes em gel ou barra, que ajudam a controlar a oleosidade, são boas opções:

E não podemos deixar de falar dela: a alta quantidade de hormônios. Isso leva a glândula sebácea a uma maior estimulação, gerando uma produção maior de sebo. Por isso a pele fica mais oleosa. E, para controlar isso, temos algumas opções:

HIDRATAÇÃO

Na etapa da hidratação, essas orientações continuam. Opções que são oil-free e tem ação calmante são as mais indicadas por especialistas. E, um lembrete: mesmo peles oleosas precisam de hidratantes que ajudem a equilibrar a barreira da pele sem pesar.

Nutrel Gel Hidratante da Profuse R$81,90

Epidrat da Mantecorp R$29,51

Dermo Pure da Eucerin R$90,90

Hidratante Toleriane Sensitive da La Roche-Posay R$119,99

ESSE PAPO CONTINUA NO SITE!

PROTEÇÃO

Quando o assunto é a última etapa, a proteção solar, é importante usar aqueles que prometem toque seco, com textura mais sequinha, e que ajudam no controle do brilho ao longo do dia.

Episol Sec FPS OC 60 da Mantecorp R$62,91

Solar Expertise Antioleosidade da L'Oréal R$41,71

Agora, se a sua pele já apresenta algum tipo de acne - como a moderada - vale investir em um gel secativo pontual, que ajude **a reduzir inflamações** rapidamente.

Secatriz da Dermage R$29,51

Acnezil Gel Secativo da Cimed R$13,59

E, olha só: usar produtos adequados, evitar espremer espinhas e manter a rotina diária de cuidados já faz uma enorme diferença. E, claro, sempre que possível, buscar a orientação de um dermatologista para acompanhar o tipo de pele e as necessidades individuais.

Não é preciso soluções mágicas para alcançar o resultado desejado. Pele não tem segredo, mas sim rotina. Lavando, hidratando e protegendo, você sempre terá uma pele saudável.

apresentado por COLORAMA

CAMILA PUDIM

ASSUME O COMANDO CRIATIVO DE COLORAMA

A marca, que completa **75 anos de história**, celebra com lançamento e novas parcerias

Ser surpreendido com uma lembrança boa saltando da tela do celular, receber aquela mensagem inesperada de um amigo antigo ou cair de paraquedas numa música nostálgica graças ao modo aleatório... Vamos ser sinceros: quem não ama um bom throwback?

E é nessa vibe, cheia de nostalgia, autenticidade e estilo, que a Colorama chega para comemorar seus 75 anos e seu movimento de reinvenção de quem resgata o passado e manda um convite para o futuro: a marca lança a coleção Retrô e dá o start em uma nova fase criativa com parcerias de peso!

UM MATCH DAS ANTIGAS

Parte do Grupo L'Oréal, Colorama é uma das marcas de esmalte mais queridinhas do país, tendo em seu portfólio desde tons clássicos até inovações que lançam tendências. E para se aproximar ainda mais das conversas sobre tendências e representatividade, Colorama convidou Camila Pudim para assumir um poderoso papel: ser a mais nova diretora de criação da marca – ou, para ser bem chique: head criativa! **"Quando chegou esse convite, fiquei muito animada e muito honrada, porque é uma marca que já está há muito tempo no mercado e que esteve muito também na minha infância"**, celebra a influenciadora digital com milhões de seguidores nas redes sociais.

Junto com a alegria veio também o imenso compromisso de inovar nesse universo plural de beleza! **"É uma responsabilidade enorme. Fizemos várias reuniões para entender como eu poderia usar minha expertise numa marca tão incrível quanto Colorama, que faz parte do Grupo L'Oréal – um grupo com tanta história e produtos incríveis."**

INFLUENCIANDO GERAÇÕES

Dona e proprietária do vídeo mais visto na história do TikTok Brasil – mais de 600 milhões de views com a trend Asoka Makeup, Camila é um fenômeno da internet que fala a língua da nova geração, sendo uma das vozes mais relevantes do cenário digital brasileiro quando o assunto é beleza. **"O mundo inteiro, e o Brasil também, está com os olhos voltados para o mercado digital. Colorama, como uma marca de muita tradição, sempre esteve presente, e agora, com essa parceria comigo, a gente busca entrar ainda mais fundo nesse público. Criando coleções que façam sentido."**

A união entre Camila e Colorama promete criar uma conexão cultural com sensibilidade, valorizando a singularidade da criadora de conteúdo e a essência da marca. A influenciadora já chegou chegando e assina a campanha Ícone de Milhões, ao colaborar com cada detalhe da nova coleção Retrô. **"Minha mãe já trabalhou fazendo unha e eu me lembro de organizar os esmaltes, então foi um convite bem nostálgico pra mim, ainda mais entrando, tendo essa coleção da campanha da Retrô, que foi maravilhosa, está sendo maravilhosa, inclusive",** conta a jovem, que agora, além de fazer nail arts incríveis, também está por trás das ideias criativas da marca.

> Vem aí uma coleção muito incrível, que, com certeza, vai mexer com o imaginário das pessoas. Está no coração de muita gente. E já estamos também trabalhando no lançamento do ano que vem. Vem muita coisa boa, gente. Muita coisa legal!"

UM CLÁSSICO É UM CLÁSSICO

Aos 75 anos, Colorama celebra sua história ao unir tradição e inovação, trazendo de volta tons icônicos repaginados para a geração atual, que adora dar nova vida para tudo o que já existiu, com atitude e personalidade. A coleção Retrô é um clássico atemporal com um toque moderno de 2025.

Com nova fórmula, alta cobertura, brilho intenso e o selo 6 FREE (livre de componentes que causam alergia), os tons que marcaram época voltam repaginados: Zazá Cintila, Areia, Zazá, Grace, Jeans e Nariz de Palhaço.

Saber brincar com o tempo é uma das dádivas da arte – e da autoexpressão. Por isso, a marca que colore as unhas das brasileiras e atravessa gerações confia que as cores sempre podem se reinventar!

Mais uma semana começou, então...

Arrume-se comigo

Boné, moletom, corrente ou sainha da Cyclone — se vestir é afirmar quem se é, de onde se vem e pra onde se vai.

texto ADRIENY MAGALHÃES
ilustração JOTAVE

Não é só sobre estar na moda e seguir tendências. Na quebrada, o jeito de se vestir carrega memória, afeto, desejo e resistência. Seja nas redes sociais, nas festas ou nos corredores da escola, a escolha de um look é também um ato de existência. Essa moda que vem da rua, das vielas e dos bailes, é ao mesmo tempo, crítica e proposta. É afirmação de quem sempre foi colocado à margem dos padrões, mas nunca deixou de se ver. Como cantam Tasha e Tracie: "esse é o dresscode de uma neguinha drake".

Antes de chegar ao TikTok, à passarela ou à vitrine das marcas, a moda da quebrada já circulava pelas ruas em forma de visual. Ainda nos anos 1980 e 1990, jovens influenciados pelo rap e pelo pagode estampavam no corpo um conjunto de códigos que uniam identidade racial, música e território.

Lidiane da Silva, pesquisadora periférica e mestre em semiótica com foco em comportamento e consumo periférico, explica: "a moda e a beleza na periferia sempre atuaram como formas de expressão identitária ligadas à memória e ao senso de pertencimento." A pesquisadora acredita que essa composição híbrida permitiu que as quebradas criassem visuais únicos, mesclando, por exemplo, elementos da cultura popular brasileira, grafismos urbanos e referências musicais do hip-hop. Interessante, não é?

CAPRICHO ouviu especialistas e pesquisadores, que afirmam: a moda periférica é muito mais que visual. É história e posição. "A moda e a beleza sempre foram ferramentas de afirmação nas periferias, mesmo quando isso não era reconhecido como tal. A quebrada sempre criou estilo — do corte de cabelo ao jeito de usar uma peça, tudo tem um código. Antes, isso acontecia de forma mais silenciosa, como um escudo contra o apagamento. Hoje, com mais acesso à internet e redes sociais, esse movimento ganha visibilidade e vira referência", afirma Will Da Afro, CEO do Afroperifa.

Já Lidiane acredita que a moda na quebrada não segue tendências: ela cria outras. "Cada escolha de cor, corte ou acessório carrega histórias de luta e afirmação que vão muito além do circuito tradicional de consumo". Ela conta que o que vemos são outros códigos: uma espécie de grafia própria para escrever marcas, gírias visuais nos looks e performances corporais.

Ela também observa como a criatividade coletiva transforma funções dos objetos: "Uma Kenner é mais do que um chinelo. Ela se torna também um instrumento musical, fazendo do seu usuário um sapateador. O estilo da quebrada possui uma habilidade natural de inventar arranjos próprios. Assim, surge outra gramática visual e um modo de interagir com o corpo mais fluido e expressivo". Em outras palavras, o corpo na periferia não veste apenas: ele cria, reinventa e comunica o tempo todo.

Fernanda Souza Correrua, diretora criativa e consultora, aponta a força da coletividade na construção da autoestima. "Quando a gente se junta pra criar, se fortalece em trocas. E quando a gente se reconhece, se ama. Caminhar com orgulho do nariz, da boca, do cabelo, da roupa, é resistir. Cada vez que piso em um set de filmagem sem mudar quem eu sou, estou sendo política."

Ela também questiona como essa estética é romantizada. "Ao redor do mundo, desafiamos o padrão da moda. Só que tenho um certo cuidado com isso: o quanto disso é visto como exótico, uma trend? Será que a gente realmente está se desafiando? Acho que é algo para se pensar. Porque, ao mesmo tempo, em que desafiamos e estamos nas trends, dependendo dos seus comportamentos, das suas vestes, da sua corporeidade — que têm a ver com moda —, você pode morrer, pode tomar enquadro. Então, é de se perguntar: a moda comunica e desafia, mas será que isso acontece só nas passarelas e campanhas? Todos precisamos refletir sobre isso enquanto sujeitos críticos."

Aysha complementa: "A roupa comunica história, contexto, resistência ao racismo, ao classicismo, à padronização. É como dizer: eu existo, eu tenho valor, eu faço moda também."

PRA NÃO TE DEIXAR SEM REF...

Nós já sabemos! Tasha e Tracie são mais do que referências musicais: são um marco visual para uma geração inteira. Combinando camisa de time com salto fino, correntão dourado com roupas de brechó, elas trazem a rua para o centro da conversa sobre moda. Em faixas como 'Arrume-se Comigo', elas rimam sobre estilo e se colocam como protagonistas de uma narrativa na qual o luxo não é o que vem de fora, e sim o que se constrói de dentro.

Essa construção estética e simbólica das irmãs foi inclusive documentada por elas mesmas no blog Expensive $hit, projeto que ajudou a consolidar sua visão crítica sobre moda e território. Por meio do blog, elas compartilhavam referências, editoriais próprios e reflexões sobre consumo, política e quebrada, sempre a partir de uma perspectiva preta e periférica. O blog também inspirou outras minas a se verem como criadoras e curadoras de tendências.

"Ver nossas referências se vestindo como a gente, com orgulho, fortalece a autoestima", resume a stylist Aysha Oliveira. A dupla tem sido referência direta para muitos jovens que agora se enxergam na estética que antes era vista como marginal. O estilo das irmãs, que mistura rua, ancestralidade e sensualidade, mostra que a moda da favela não pede licença. Ela ocupa.

A influência delas também se reflete em como outras marcas e criadoras da quebrada ganharam espaço no mercado. Se antes a moda se inspirava nas passarelas, hoje é comum ver grifes usando elementos que nasceram na favela: os alfinetes como acessório, o moletom como peça de destaque, os penteados, as estampas vibrantes.

ESTÉTICA É REVOLUÇÃO

A moda da quebrada não nasce nas vitrines. Ela nasce nas feiras, nos brechós, nas sacolas de roupas herdadas. Cresce nas mãos de quem costura, pinta, amarra e transforma. Como lembra Fernanda Correrua, práticas como o upcycling sempre fizeram parte da rotina de muitas meninas periféricas.

Consumir moda, nesse contexto, é também fazer escolhas conscientes. É optar por marcas independentes, que representem corpos reais. É valorizar o trampo da amiga que faz acessórios, da tia que sabe cortar, da costureira que ajusta pra caber em quem nunca se viu no manequim da loja de shopping.

E mais do que isso: é subverter o que antes era proibido. Como aponta Samara, vestir uma Cyclone que antes era negada é uma forma de libertação. Como diz Beatriz Mello, é "mostrar de onde eu vim e onde quero chegar".

Quando jovens periféricos se reconhecem belos em seus próprios termos, algo se transforma. "A autoestima coletiva nasce quando a gente se enxerga nos outros, e isso vira uma corrente de valorização. E isso, sem dúvida, é resistência", diz Aysha.

Lidiane reforça: "Quando jovens periféricos se reconhecem belos nos seus próprios termos, pode-se esperar o fortalecimento de coletivos, o surgimento de empreendimentos criativos e, em longo prazo, pressões por políticas públicas que reconheçam direitos. É um ciclo virtuoso de visibilidade, autoestima e ação social."

Will Da Afro conclui: "A estética vira motor de mudança porque ativa o senso de pertencimento e o desejo de ocupar espaços. É daí que surgem novos criadores, líderes, narrativas e futuros possíveis."

VIVÊNCIAS QUE VIRARAM ESTILO

A moda da quebrada nasce de quem vive nela. A jornalista e produtora Sarah Catherine Seles (@sarahcatherjne) lembra que, na infância, buscava formas acessíveis de realizar desejos de consumo. "A gente comprava roupa uma vez por ano no Brás. Eu pesquisava modelos similares e mais baratos. Hoje busco consumir marcas brasileiras e periféricas que costumam traduzir essa vivência."

Para Dyamê Gomes (@dyamegomes), modelo e criadora de conteúdo, a base é familiar. "Sou uma mina nascida e criada na Baixada Santista. Cresci em um ambiente extremamente rico em cultura, moda e referências — e foi justamente nesse cenário que construí quase todo o meu conceito de moda".

Samara Chrystine (@lafabuleuxsam), jornalista de Guarulhos, afirma que por muito tempo não se sentia no direito de acessar este universo. "Pretinha de Guarulhos, nascida numa família miscigenada, cresci sem muitas referências negras por perto. Recusava rosa, vestido, laço, porque achava que não era pra mim. Cresci entre bairros periféricos, como a São Rafa, ouvindo frases da minha avó que, só quem é preto criado por família branca que carregam resquícios do racismo estrutural, sabem: não sai desarrumada, senão vão te confundir com as meninas da favela."

Beatriz Mello (@miinnd7), modelo e criadora de conteúdo, enxerga na moda uma ponte entre identidade e coletividade. "Minha forma de me vestir mostra de onde eu vim e onde quero chegar. Sou ancestral. Cresci ouvindo músicas que exaltavam marcas que hoje fazem parte do meu guarda-roupa". Para ela, na quebrada, a moda é construída de forma coletiva — passa pela costureira da esquina, pelo brechó da amiga, pelo empreendedor que vende tênis de marca a preços acessíveis.

Victor Eduardo (@victteduardo), artista e apresentador, reforça o elo entre moda e identidade negra: "Pra mim, a vestimenta é um legado. Sempre foi importante para nós, pessoas negras. Cresci ouvindo minha mãe dizer: 'Temos que estar sempre alinhados'. Por mais que essa fala tenha suas questões, ela carrega a nossa cultura — estar no kit, na régua, é essencial. Faço questão que meu estilo diga antes de mim: 'Eu sou negrão'. Me inspiro no funk, na quebrada e nos homens pretos da minha família."

Na mesma linha, [Nay] (@meninonay), publicitário, destaca como o conforto virou símbolo de resistência em sua trajetória. "Acredito que meu jeito de me vestir transparece o conforto que eu busco pra minha vida. Desde pequeno, por praticar vários esportes, fui ensinado a me vestir de forma confortável — e hoje entendo que o jeito que me sinto bem é priorizando isso. E me sentir bem é revolução, porque sabemos que existe um plano maior pra que nós, enquanto pessoas negras, não nos sintamos assim."

"COM O TEMPO,
FUI CONSTRUINDO
MEU ESTILO BASEADO
NO MEU HUMOR, NO QUE
ME DEIXAVA CONFORTÁVEL,
MAS TAMBÉM TRAZENDO
COMIGO REFERÊNCIAS
NEGRAS QUE FUI BUSCANDO:
NO JAZZ, NO BLUES,
NO R&B, NO HIP HOP,
NO FUNK. NUNCA A PARTIR
DE UMA APROPRIAÇÃO
DO QUE EU NÃO VIVI,
MAS DE UMA BUSCA
GENUÍNA POR ME
RECONHECER ONDE ANTES
NÃO TINHA ESPELHO."

SAMARA CHRYSTINE
explica que comprar sua própria saia da Cyclone na vida adulta foi libertador.

MODA

OUSADIA É FAZER MODA NO BRASIL

por SOFIA DUARTE

foto MATHEUS MAIA

Pedro Batalha e Hisan Silva mostram que jovens criativos podem não só honrar raízes do Brasil, mas mudar como se faz moda por aqui.

"Não existe ousadia maior do que não desistir de quem você é", declara Hisan Silva, que, com Pedro Batalha, forma a dupla de diretores criativos da Dendezeiro. Nascida em Salvador e comandada por dois jovens pretos e LGBT+, a marca leva o nome da árvore que origina o azeite de dendê, tradicional da culinária nordestina, e que, por si só, conta uma história de resistência.

Foi criada em 2019 a partir de um desconforto deles de não sentirem que seus corpos eram abraçados pela modelagem derivada de padrões europeus encontrada na maioria das lojas, em especial as de departamento. Com formação em produção cultural, ambos aprenderam os fundamentos técnicos de moda juntos e ao longo do processo, mas, antes disso, a criatividade já corria em suas veias.

"A gente existe por uma ousadia mesmo. A gente é preto, LGBT+ e de Salvador. Então, para o cenário da moda nacional, não era nem para a gente existir, ainda mais existir durante tanto tempo e fazendo o sucesso da forma que a gente faz. E a gente é gaiato na hora de construir os nossos temas", completa.

É a partir dessa essência que, em todos os seus editoriais e coleções, os estilistas se debruçam em pesquisas que resgatam momentos importantes para o Brasil. Após participar da Casa de Criadores com apresentações virtuais, foi em 2022 que a marca fez sua estreia presencial na São Paulo Fashion Week (SPFW) com a coleção "Ruas do Brasil", inspirada na diversidade urbana que distingue as vias do país.

A passarela também se tornou uma forma de manifesto na escolha do representativo casting de modelos, que, muitas vezes, é enriquecido pela presença política de artistas. As cantoras Urias, Liniker, Majur e Gaby Amarantos e a deputada Erika Hilton são alguns dos nomes que fizeram parte desses shows.

Nos últimos anos, a marca foi ganhando reconhecimento expressivo, principalmente de jovens que valorizam a moda com propósito e, ao mesmo tempo, admiram a qualidade, a beleza e as minúcias de um trabalho artesanal com simbolismos. A dupla mostra ser possível celebrar e provocar mudanças.

ELES NÃO PASSAM DESPERCEBIDOS

O mergulhar nas riquezas culturais das regiões brasileiras move as coleções mais recentes da marca, que levam o título de "Brasiliano". Na SPFW, em outubro do ano passado, a primeira parte dessa história recebeu o nome de "Filhos do Sol" e foi inspirada na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Depois, Pedro e Hisan trouxeram um olhar sobre a região Norte, com estudo sobre o levante da Cabanagem e referências que representam a pesca e os igarapés da Amazônia. Na edição N60 da SPFW, que acontece no próximo mês de outubro, a marca terá um encerramento de ciclo.

Filho de mãe bailarina e pai pintor e músico, Pedro Batalha relata que sua relação com a moda foi se transformando. "Como tive uma criação pobre, eu não tinha acessos para entender a moda como eu a entendo hoje, como uma ferramenta de identidade que permite que eu me expresse. A Dendezeiro significa uma retomada de controle sobre mim, sobre a visão que quero mostrar para o mundo."

Assim como Pedro, Hisan acredita que a Dendezeiro cria também uma conexão com a juventude — para além da passarela — já que a marca soube aproveitar as linguagens da internet para se estabelecer online. "As pessoas olham e se identificam com a nossa forma de traduzir os assuntos.". Isso ficou evidente quando, diante da repercussão negativa do uniforme da delegação brasileira nas Olimpíadas de Paris, em 2024, a grife baiana reagiu e desenvolveu

a coleção extraoficial "Brasil com S". O pedido foi feito pelo próprio público com a tag #UniformeDendezeiro, levantada no X (ex-Twitter).

Outro exemplo é o lançamento da sua primeira linha de *upcycling*, feita em parceria com a Fragmento Atelier, que utilizou a técnica sustentável para reimaginar roupas de coleções anteriores apresentadas na SPFW. A campanha foi fotografada no barracão da escola de samba Beija-Flor, onde tudo é desconstruído para construir algo novo. Essa escolha adiciona uma camada de brasilidade e orgulho nacional, o que reverbera de modo mais sentimental e afetivo em quem vê.

NINGUÉM FAZ NADA SOZINHO

Parcerias como essa são muito bem aproveitadas pela marca, que costuma unir forças com artistas nordestinos. Não à toa, suas bolsas em colaboração com a artesã Bianca Rodrigues, do Ateliê 26, em formato de tatu, de filtro de barro, de capivara e até de folha de bananeira, viralizaram nas redes sociais.

Sejam pelas saias volumosas e pesadas que ocupam a passarela ou por biquínis que se destacam pela textura inovadora, as peças de tapeçaria, criadas com o artista têxtil Renan Estivan, já se tornaram icônicas e esperadas em cada coleção da Dendezeiro. Outro destaque vai para a parceria com o artesão Ed Carlos, que resulta em impressionantes peças de palha trançadas manualmente, capazes de encher os olhos e elevar o biodesign a seu merecido patamar luxuoso.

"A gente não consegue fazer nada sozinho. É incrível colaborar, porque, às vezes, você tem uma palavra que está presa na sua garganta e precisa de ajuda para dizê-la", explica a dupla à frente da etiqueta soteropolitana. Para eles, a união de sabedorias, aliando conhecimentos ancestrais e visões contemporâneas, é a melhor resposta para atingir uma identidade forte e simbólica.

"É muito legal ter artistas tão talentosos no nosso território, porque ainda tem outro fator. Para a gente poder entrar na Casa de Criadores, [a estilista] Isa Isaac Silva nos indicou. Então, a gente trabalha em comunidade sempre, em tudo."

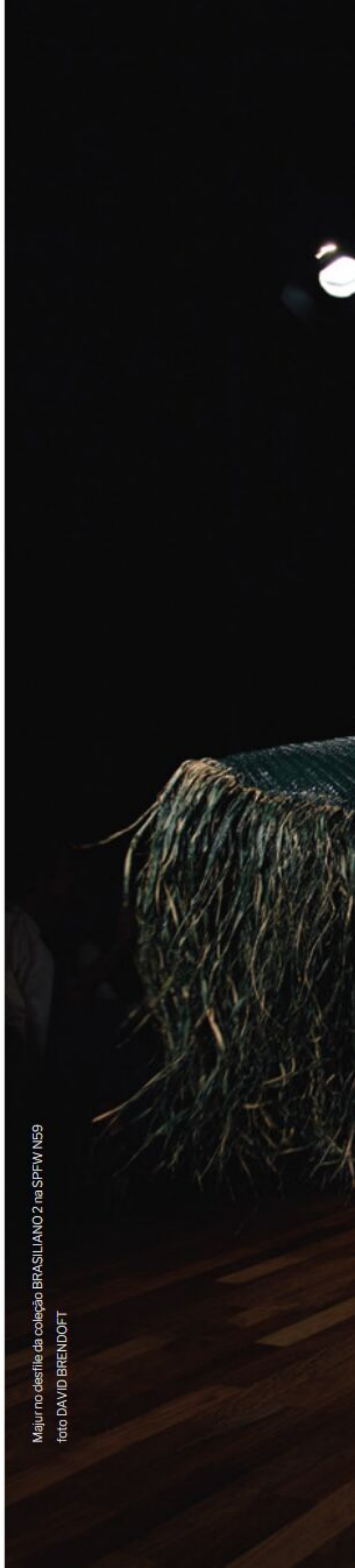
O BRASIL NA ROTA

Com um dos desfiles mais vistos e aguardados da São Paulo Fashion Week, a Dendezeiro espera derrubar mais um muro e alçar voos internacionais. Esse objetivo teve seu início por meio da aproximação da atriz Viola Davis, cofundadora da produtora audiovisual Ashé Ventures, baseada na Bahia, que patrocinou o primeiro desfile da coleção "Brasiliano".

"Viola falou sobre como no Brasil a moda não é um escudo para te proteger. As pessoas não utilizam a moda para se esconder apor meio de um personagem; elas usam a moda para dizer de fato quem elas são", relembra Hisan sobre a conversa com a atriz norte-americana, que tem o título EGOT.

O projeto "Respeita Meu Capelo", em parceria com a marca de beleza Vult, do Grupo Boticário, em que a Dendezeiro foi responsável por criar quatro tipos de capelos inclusivos para pessoas negras, também ultrapassou fronteiras. Ele foi reconhecido pelo maior festival de criatividade, o Cannes Lions, em junho do ano passado, e, agora, em 2025, recebeu o Leão de Bronze na categoria "Glass: The Lion for Change" ["Vidro: O Leão para a Mudança", na tradução livre em português], que premia ideias que promovem a igualdade.

"Tenho orgulho de sobreviver. E não só de sobreviver, de viver", celebra Hisan. "Eu não comecei na moda só por amor, eu comecei na moda para sobreviver também. Então,



Majur no desfile da coleção BRASILIANO 2 na SPFW N59
foto DAVID BRENDOFT

hoje tenho orgulho de desenvolver moda para viver, porque gosto e tenho vontade de criar."

"Enquanto pessoa jurídica, o que me dá orgulho é não só me conectar com as pessoas e estar em um almoço com Viola Davis, mas também ter um momento em que você sai dali, encontra as pessoas e elas estão com aquele sentimento de Copa do Mundo, de sentirem que estavam sentadas com ela também. Ter construído uma comunidade sólida, da qual as pessoas se sentem parte me dá muito orgulho."

Pedro Batalha, por sua vez, relaciona sua trajetória na Dendezeiro como uma atitude atrevida que culminou em um despertar da sua própria confiança. "Precisei ter muita coragem para que eu pudesse trilhar o meu caminho. Ela me ensinou a ter coragem, porque, quando acreditei nela, automaticamente acreditei em mim e percebi a força do meu trabalho e da minha visão."

Os designers continuam sonhando e planejando novas conquistas. "Ser jovem e fazer moda no Brasil é você só trabalhar, trabalhar e trabalhar. Você não sai com seus amigos, não tem date, não faz nada", diz Hisan, rindo. "Mas, ainda há muito a ser feito, sabe? A gente abriu nossa primeira loja, e eu quero ter loja em tudo quanto é canto, fazer *collab* com artistas que a gente admira ao redor do mundo..."

"E sinto que a gente rompeu a primeira barreira entre Nordeste e São Paulo para sermos respeitados pelo país. Agora, temos uma segunda barreira para romper e deslanchar na carreira internacional. O momento Anitta da Dendezeiro", brinca.

Hisan Silva, Gaby Amarantos e Pedro Batalha nos bastidores do desfile da coleção 'Brasiliano 2' na SPFW.
foto DAVID BRENDOFT

TESTE

COM QUAL FAMOSA VOCÊ TROCARIA DE GUARDA-ROUPA?

TESTE

TESTE

1. QUAL PEÇA NÃO PODE FALTAR NO SEU ARMÁRIO?

A) Vestido preto
B) Camiseta oversized
C) Minissaia
D) Coturno

2. ESCOLHA UM ACESSÓRIO

A) Brincos pequenos e brilhantes
B) Óculos de sol
C) Colar de coração
D) Pulseira de miçangas

3. UMA MÚSICA PARA TOCAR ENQUANTO SE ARRUMA

A) Never Need Me - Rachel Chinouriri
B) Texas Hold 'Em - Beyoncé
C) Pink Pony Club - Chappell Roan
D) ExtraL - Jennie ft. Doechii

4. QUAL PRODUTO DE BELEZA É O SEU FAVORITO?

A) Iluminador
B) Lápis labial
C) Blush
D) Delineador

5. COMO VOCÊ DESCREVERIA SEU ESTILO?

A) Amor à primeira vista
B) Amigos que se apaixonam
C) Triângulo Amoroso
D) Inimigos que se apaixonam

6. QUAL GRIFE VOCÊ USARIA EM UM TAPETE VERMELHO?

A) Valentino
B) Alaïa
C) Versace
D) Louis Vuitton

7. PARA VOCÊ, UMA ROUPA GLAMOUROSA TEM...

A) Recortes
B) Volume
C) Brilhos
D) Transparência

8. VOCÊ PREFERE O ESTILO DE QUAL DÉCADA?

A) Anos 1970
B) Anos 2000
C) Anos 1960
D) Anos 1980

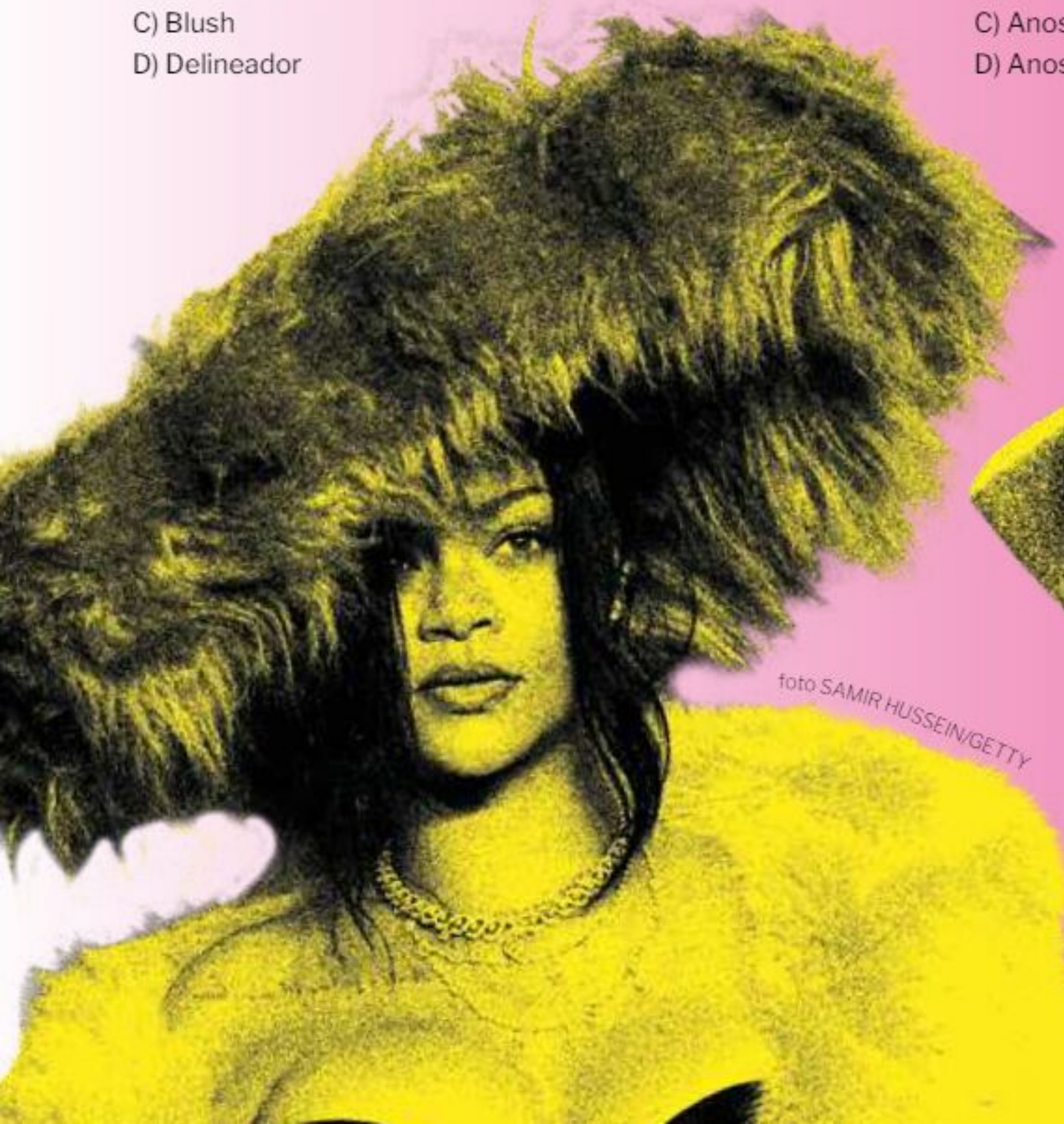


foto SAMIR HUSSEIN/GETTY

foto CHRISTOPHER POLK/GETTY

foto GETTY

foto TAYLOR HILL/GETTY

RESULTADO

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "A"

Zendaya

Seu estilo é versátil e pode ir do básico com calça jeans a um vestido chique para ocasiões especiais. Assim como Zendaya, você se veste de acordo com a fase da sua vida.

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "B"

Rihanna

Com um toque de nostalgia e códigos do streetwear, Rihanna monta looks cheios de personalidade e atitude. Imagina poder usar o acervo vintage que ela tem no armário?

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "C"

Sabrina Carpenter

Sabrina Carpenter sabe mesclar elementos ousados, como brilhos e decotes, com símbolos românticos, como laços e corações, como ninguém, e essa mistura é a sua cara!

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "D"

Lisa

Com visuais impactantes, a cantora transita entre produções descoladas nos palcos e silhuetas impecáveis nos tapetes vermelhos. Imagina fazer um show do BLACKPINK usando um figurino dela?

INFORME PUBLICITÁRIO

VOCÊ COMO MODELO MAC VIVA GLAM

fotos ARQUIVO PESSOAL

O concurso "Você como Modelo MAC Viva Glam", da MAC Cosmetics, em parceria com a CAPRICHO, celebrou a identidade, autoexpressão e orgulho com muita cor em junho. Influenciadores e criadores de todo o Brasil participaram e não somente um, mas três vencedores brilharam (incluindo um casal!).

Guarde esses nomes: Vinicius Machado Barata (Navegantes-SC), Egidio Antonio Coimbra Junior (Jacareí-SP) e o casal Celina Araújo Borges e Julie Cabral Pacheco (São José do Rio Preto-SP). O prêmio? Produtos da MAC, aulas com especialistas em beleza, além de convite para um evento especial da campanha Viva Glam.

Para Vinicius, participar foi mais do que beleza. "Quis falar sobre o medo de ser quem se é e sobre como o amor familiar pode fortalecer nessa jornada." Já Egidio relembrou um sonho antigo: "Queria ser colírio da CAPRICHO, mas não me via nos padrões. Hoje, estou aqui por ser diferente."

Celina e Julie apostaram na beleza clássica para destacar uma mensagem forte: "A maquiagem é presença, expressão, e também luta. É escolha — e isso já é poderoso."

As histórias são diferentes, mas têm algo em comum: todas mostram que viver com brilho, coragem e verdade inspira. E campanhas como Viva Glam são fundamentais para dar visibilidade a quem transforma o mundo com beleza.

Lançada em 1994, o programa reverte 100% da venda dos seus batons icônicos da linha exclusiva para causas sociais para promover igualdade sexual, racial, ambiental e de gênero. Cerca de 500 milhões de dólares já foram doados globalmente.

E, em 2025, a marca estendeu a linha, com uma novidade: uma versão do LipGlassAir assinado por Kim Petras; um gloss leve, brilhante e conectado com o Mês do Orgulho.

(Aliás, á viu a capa digital de junho com Diego Martins? A beleza é assinada pela MAC! Escaneie o QRCode ao lado.)

SOCIEDADE

COP É NO BRASIL!
Marcele Oliveira é a jovem que vai defender o meio-ambiente por nós.

foto WAGNER DA SILVA

TOC, TOC, TOC!
O que acontece quando meninas batem à porta de legisladores no Brasil?

CH NA POLÍTICA
Marina Silva e outras mulheres que podem te inspirar a fazer política.

PÔSTER DO DOCUMENTÁRIO 'LIVRE PARA MENSTRUAR', DA MARANHA FILMES E GIRL UP, DISPONÍVEL NO YOUTUBE
GRAZIELE CARVALHO, AMANDA MENEZES E REBECA SOUSA

ELAS BATEM NA PORTA

Quando meninas tomam coragem para reivindicar seus direitos frente a quem faz as leis, o que acontece? A resposta pode mudar muitas coisas no futuro.

por ANDRÉA MARTINELLI
fotos MARANHA/GIRL UP/DIVULGAÇÃO

Foi assistindo à série As Visões da Raven, da Disney, que Amanda Menezes percebeu seu interesse por política e pautas sociais. A personagem Chelsea, interpretada por Anneliese van der Pol, era não só a melhor amiga de Raven como também a líder do clube de preservação do meio ambiente da escola onde estudavam.

"Ela era superativista, e eu sempre achei incrível. Eu ficava assim: 'Cara, que legal!' E, tipo, sempre que tinha um personagem assim, que gostava de mudar tudo, chegar e fazer acontecer, eu pensava: 'Queria tanto ser assim.' Foi o que me fez perceber que eu também queria fazer as mesmas coisas", compartilha.

Na série, Chelsea era frequentemente vista liderando protestos, defendendo causas ambientais e engajando quem estivesse ao redor. Apesar da distância entre a realidade da personagem e a de Amanda, moradora do Caju, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, as duas se conectam — e muito — quando o assunto é política.

O desconhecimento sobre os trâmites burocráticos da política institucional não impediu a personagem na série — e muito menos Amanda, que, aos 17 anos, reuniu suas amigas para buscar mudanças em prol do bem coletivo: elas bateram à porta de parlamentares para pressioná-los e propor projetos de lei que combatessem a pobreza menstrual no Brasil. E conseguiram fazer a diferença.

"Não queria só arrecadar absorventes uma vez e pronto. A gente sabia que o problema era contínuo. Por isso, fomos atrás de políticos para entender como mitigar essa situação de forma permanente."

A jovem conta que enfrentou muitos "nãos", inclusive de uma parlamentar mulher. "Ela disse ser uma pauta de esquerda e que não podia nos ajudar. Isso me marcou muito", lembra. "Porque dignidade menstrual não é uma pauta de um lado político. É uma pauta humana."

O primeiro "sim" veio do então deputado estadual Renan Ferreirinha (PSD). "Ele não só topou, como nos colocou à frente do projeto. Disse que a gente podia escrever a proposta de lei. Aquilo valeu por todos os 'nãos'", diz.

Pouco tempo depois, a mobilização ganhou corpo: o Projeto de Lei 8924/2020, que reduz o imposto sobre absorventes descartáveis e os inclui na lista de produtos da cesta básica no Rio, foi aprovado — e inspirou outras iniciativas semelhantes em todo o país.

E AÍ ELAS FORAM ATRÁS (E NÃO DESISTIRAM)

A ideia de Amanda surgiu após uma exaustiva campanha de arrecadação de absorventes durante a pandemia, em 2020. Nessa época, ela já fazia parte do movimento Girl Up Brasil, que capacita e conecta jovens lideranças femininas — foi ali que ela e outras amigas criaram o clube Elza Soares e começaram a discutir temas caros para elas e o que poderiam fazer a respeito.

A pobreza menstrual apareceu como prioridade. Segundo a pesquisa Livre Para Menstruar, da Girl Up com apoio da Herself, estima-se que 31% das adolescentes brasileiras já faltaram à escola devido à menstruação. Vergonha, cólicas, ausência de banheiros adequados e falta de produtos menstruais estão entre os principais motivos.

“DIGNIDADE MENSTRUAL NÃO É UMA PAUTA DE UM LADO POLÍTICO. É UMA PAUTA HUMANA”

Na mesma época, em Aracaju (SE), Rebeca Sousa também começou uma mobilização com o mesmo tema — e deu com a cara na porta muitas vezes. Quer dizer, ficou com dezenas de e-mails sem resposta. “A gente levou muitos ‘nãos’. No online, é mais fácil ignorar, né?”

Para as entrevistadas pela CAPRICHO, em alguns momentos, ser ouvida foi mais difícil do que estudar para o Enem sem luz em casa. Às vezes, o que se ouviu de volta era deboche, silêncio ou grosseria. “Teve gente que disse que [pobreza menstrual] era inconstitucional, que era pauta de esquerda. E teve quem dissesse que éramos ‘fofinhas’ e só desse as costas. É uma forma de descredibilizar.”

Rebeca reforça que não se trata apenas de um problema de saúde, mas de acesso, desigualdade e cidadania. Enquanto outros estados avançavam, Sergipe só aprovou a lei em 2023, três anos após o início da mobilização no Rio de Janeiro e a nível nacional.

“Foi um processo difícil, mas não paramos”, pontua. Atualmente, o município conta com o Projeto Florir, que promove informação sobre higiene menstrual e garante a distribuição de produtos nas escolas da rede municipal. “Mas ainda tem muito mais a se fazer”, diz a jovem.

A NÍVEL FEDERAL

Nos últimos anos, meninas brasileiras vêm abrindo caminhos em espaços antes ocupados apenas por homens engravatados. Seja organizando protestos, mandando e-mails para deputados ou criando perfis no TikTok para explicar leis difíceis com ganchos de cultura pop e transparência, elas assumem um papel de protagonismo.

Tanto Amanda quanto Rebeca fazem parte de clubes mediados pela Girl Up Brasil e tiveram participação significativa na sensibilização do tema em seus estados — e também a nível federal. Ao lado delas, guiando os movimentos, estava Graziella Carvalho, que, na época, coordenava a mobilização dos grupos da organização social.

“Sempre me coloquei nesse lugar de facilitar para que as meninas se sentissem capazes de conversar de igual para igual. O fato de serem meninas é uma potência, não uma fraqueza”, diz. “Fui uma menina que sofreu com a pobreza menstrual. Usava lencinho para ir à escola, ficava angustiada por não ter absorvente. Na época, isso nem tinha nome.”

Tudo ganhou ainda mais força quando, em 2021, o então presidente Jair Bolsonaro sancionou a criação do Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual. Amanda, Rebeca, Grazi e tantas outras meninas foram a Brasília (DF) participar de uma mobilização nacional. “Minha história começou no meu quarto, em reuniões online. E dali fui para Brasília”, lembra Rebeca. “Provamos que é possível.”

O que parecia uma conquista, no entanto, veio com uma pegadinha: Bolsonaro sancionou a lei, mas vetou a distribuição gratuita de absorventes para estudantes de baixa renda e pessoas em situação de rua — justamente os pontos centrais da proposta. Em março de 2022, o Congresso derrubou o veto e a política pública foi finalmente aprovada.

Elas enfrentaram o medo de parecer “pequenas demais” para ocupar espaços políticos — e descobriram que tamanho, na verdade, é outra coisa: é coragem, é voz, é coletividade. Tanto que agora essa história está contada no documentário Livre Para Menstruar, realizado pela Girl Up em parceria com a Maranha Filmes, disponível no YouTube.

O que acontece quando uma menina bate à porta de um legislador? Às vezes, nada. Às vezes, um suspiro de impaciência. Às vezes, uma porta que se fecha. Mas, muitas vezes, acontece algo mágico. “Quando a gente sonha sozinha, parece uma utopia. Mas quando sonha coletivamente, a gente realiza”, finaliza Rebeca Sousa.

STILLS DO DOCUMENTÁRIO 'LIVRE PARA MENSTRUAR',
DA MARANHA FILMES E GIRL UP, DISPONÍVEL NO YOUTUBE

o meu (e o seu) lugar no mundo

por BÁRBARA POERNER
colagem MATHY

COLUNA

Em maio, Marina Silva ouviu do senador Marcos Rogério (PL-RO), durante uma audiência da Comissão de Infraestrutura no Senado, que ela deveria "se colocar no seu lugar". Dois meses antes, em março, o senador Plínio Valério (PSDB-AM) já havia dito que sentia vontade de "enforcar" a Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA).

Tudo isso em meio a aprovação do Projeto de Lei 2159/2021, conhecido como PL da Devastação, que pretende flexibilizar e desmontar o licenciamento ambiental no Brasil, sendo considerado por especialistas o maior retrocesso em 40 anos (saiba mais em pldadevastacao.org).

Não foram poucas as manifestações de solidariedade à Ministra — que se retirou da audiência após exigir um pedido de desculpas que não foi atendido. Um exemplo foi a seleção de futebol feminina, que a homenageou em seu amistoso (vitorioso!) contra o Japão. Já uma campanha, puxada por organizações da sociedade civil, foi criada com a hashtag #LugarDeMarina.

Não à toa, Marina Silva consegue mobilizar muita gente. Natural de Rio Branco (AC), ela foi seringueira e lutou ao lado do também seringueiro e ativista político Chico Mendes. Foi deputada estadual em 1990 e senadora em 1994. Depois, assumiu como Ministra do Meio Ambiente de 2003 a 2008, posição na qual retornou em 2023. Acumula diversos prêmios nacionais e internacionais, sendo uma das maiores referências brasileiras na agenda climática.

O episódio foi mais um caso de machismo, racismo e violência de gênero na política brasileira. Isso porque uma mulher negra acreana na luta socioambiental incomoda muita gente, de forma objetiva, mas também simbólica. Por mais que sejamos um dos grupos mais vulnerabilizados pelas mudanças do clima, continuamos excluídas das discussões e espaços de decisão sobre o tema.

Diante disso, sempre reflito sobre o meu lugar no mundo versus o lugar que esperam que eu ocupe no mundo. Já parou para pensar o que é realmente sua vontade, e o que é imposição social? O que são motivações vendidas em caixinhas individuais, e o que é parte de um sonho coletivo? Qual lugar temos, ou queremos ter, à mesa da agenda socioambiental?

Quando essa dúvida bate, olho para Marina, mas não só: relembro de inúmeras mulheres (que pelo limite de caracteres não poderiam ser citadas aqui por completo) que transformaram minha visão de pertencimento ao mesmo tempo em que transformam o mundo ao seu redor por meio da justiça climática.

Os espaços (no socioambientalismo e fora dele) ainda são construídos para darem protagonismo e voz aos homens. Mas estamos aqui falando e construindo soluções para a crise do clima, e tantas outras crises, há muito tempo. Se tentam nos colocar em outros lugares, cheios de estigmas e preconceitos, esse texto é um convite para dizermos: aqui não. Não deixaremos mais determinarem o que, como e onde vamos agir, lutar, pensar, questionar, fazer, sonhar. Não é sempre fácil, mas hoje escolho me inspirar na resposta de Marina Silva ao senador Marcos Rogério: "O meu lugar é onde todas as mulheres devem estar".

BÁRBARA POERNER

É JORNALISTA E COMUNICADORA EM DIREITOS HUMANOS, CLIMA E GÊNERO. COORDENA A COMUNICAÇÃO DO CLIMA DE ELEIÇÃO E É CONSULTORA DO INSTITUTO FEBRE E INSTITUTO CABURÉ.

ENTREVISTA

COP 30 É NOSSA TAMBÉM

Cria de Realengo, Marcele Oliveira lidera a juventude para ecoar sua voz no evento mais importante do mundo sobre mudanças climáticas, que acontece pela primeira vez no Brasil.

por JULIANA MORALES
foto WAGNER DA SILVA

Frente a frente com o presidente Lula, Marcele não titubeou nem tentou falar rebuscado e dar muitas voltas. Foi direto ao ponto: **"Precisamos falar de petróleo."**

Talvez se tivesse feito de outro jeito, o assunto passaria como mais um problema citado naquele encontro durante a COP28, sediada em Dubai em 2023. No entanto, a fala espontânea de uma mulher jovem mostrou que as juventudes cobram posicionamento dos governos.

Quase um ano e meio depois, **Marcele Oliveira,** comunicadora e ativista ambiental, de 26 anos, nascida em Realengo, bairro da periferia do município do Rio de Janeiro, encontrou-se novamente com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas, dessa vez, em Brasília.

Após um edital, com mais de 150 jovens inscritos e 24 nomes selecionados, ela foi a escolhida por ele como a **Campeã de Juventude da COP30** (Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas). Neste ano, Belém, capital do Pará, receberá o evento que nos últimos anos acontece em países do Oriente Médio. Marcele quer "fortalecer a participação dos jovens nas políticas climáticas e nas negociações sobre mudanças climáticas".

"Tanto eu, como os outros candidatos, não estávamos ansiosos, mas sim, com pressa de começar a executar esse papel que a gente considera tão importante para uma COP de sucesso", disse à CAPRICHO após ser questionada sobre qual foi a sensação ao ser nomeada.

Ela será a segunda jovem a ocupar a função de mobilizar e coordenar a participação da juventude em uma conferência: a primeira foi a ativista Leyla Hasanova na COP29, no Azerbaijão.

Marcele conversou com a nossa reportagem por vídeo, no começo de junho, direto da casa dos pais em Realengo. Ela havia acabado de chegar de uma viagem, e, em poucos dias, já embarcaria para a Alemanha, onde participaria de mais uma negociação antes da COP.

Do sofá da sala, bastava uma pergunta para ela trazer um discurso eloquente, com exemplos, dados, e apontamentos importantes –sempre trazendo para a realidade e traduzindo do seu jeito esperto.

URGÊNCIA CRIATIVA E CONSCIENTE

A pressa de Marcele e de outros jovens não é à toa, e pode ser sentida na pele: o calor extremo que invade nossa rotina e maltrata nosso corpo é um exemplo. Ficar parado enquanto a crise climática derrete geleiras, espalha fogo e gera temporais não parece nada cômodo para eles.

Só que não é o medo dos próximos desastres que faz essa galera agir. Marcele defende que é preciso olhar além da tragédia. **"Nos recusamos a acreditar no fim do mundo. Por que logo na nossa vez? Com decisões que nem fomos nós que tomamos, tô fora, não acredito"**, brinca, como uma maneira de aliviar o papo.

Seu posicionamento não é, de forma alguma, uma negação dos dados, que realmente são muito preocupantes, mas trazer a confiança de que existem ações lideradas por juventudes que valem a pena serem conhecidas e que trazem o ânimo de que é possível pensar um mundo diferente.

"Talvez essa seja, de fato, a nossa chance de dizer para as autoridades e tomadores de decisão que a nossa urgência também se dá por meio da criatividade na construção de soluções climáticas", diz referindo-se à COP30.

A conferência, que reúne **todos os 193 países da ONU** e cinco territórios, acontece desde 1995, e tem como finalidade debater medidas para diminuir a emissão de gases do efeito estufa, encontrar soluções para problemas ambientais e negociar acordos. É a primeira vez que o Brasil, detentor da maior biodiversidade do planeta, sedia o evento – o que é uma oportunidade incrível de mostrar nossa força e compromisso, mas é cercada de desafios.

"Somente nós sabemos o que é ser jovem hoje. Não tem referência, não é comparável, porque estamos vivendo uma dimensão da crise climática, inclusive com muita desinformação, com a inteligência artificial crescendo, com as guerras acontecendo, após uma pandemia, então é muito diferente", aponta.

A juventude busca, então, se organizar e estar presente nos espaços de poder para fazer com que o Brasil e o mundo entenda o que, de fato, são suas demandas e necessidades e garantir que sejam pensadas propostas que conversem com esta geração.

"Senão, eles vão ficar falando da gente sem a gente. Vão continuar discutindo sobre mercado de carbono enquanto a gente está querendo ação de reflorestamento", reclama. "Queremos plantar agora, queremos colher agora, queremos oportunidade de empregos verdes agora. Não estamos com tempo", completa.

Além disso, olhar para o presente também é uma forma de cuidar do futuro. Marcele dá o exemplo da educação financeira que é uma ferramenta pouco conhecida, mas muito válida, para combater a crise climática. Se antes a galera pensava na poupança para comprar um carro ou uma casa, hoje é importante se preparar financeiramente para mudanças radicais que podem acontecer na forma como vivemos, motivados por um evento climático extremo.

"São assuntos que não estão na agenda COP30, mas que estão na agenda das juventudes do mundo. Porque a gente está querendo pensar qual é o nosso futuro. Daqui a dez anos, vamos ter ou não água potável para beber? Será que vamos ter ou não a oportunidade de conhecer todos os biomas do Brasil?", questiona.

A LUTA DE DENTRO PARA FORA

Quem vê Marcele rodando o mundo, ecoando as vozes dos jovens nas discussões climáticas, não imagina que, por bastante tempo, ela acreditou que a pauta ambiental não era para ela. "Quando estava no Ensino Médio, pensando no vestibular e buscando trabalho, eu achava que cuidar do meio ambiente era papo de gente branca e rica da zona sul", conta.

Esse pensamento mudou ao acompanhar de perto moradores da sua região, de todas as idades, fazendo faixas, sarau, marcando presença em assembleias e movimentando as redes sociais em prol da criação de um parque verde em uma área abandonada. Deu certo: o Parque Realengo Susana Naspolini nasceu de uma mobilização popular, que agora é uma política pública de parques urbanos em toda a cidade do Rio.

O fato dessa vitória ter sido conquistada de uma forma intergeracional e combinando diferentes formas de ativismo, fez Marcele se reconhecer, enfim, no movimento ambientalista. "Ali entendi que todo mundo tem o direito de ter uma área de lazer verde perto de casa, e ter esse direito negado, é mais uma prova do racismo ambiental que acontece no nosso país."

Depois disso, ela se tornou integrante do programa Jovens Negociadores pelo Clima, participou das Conferências do Clima desde a COP no Egito (2022), por meio da Coalizão Clima É de Mudança e do Perifalab. Também co-fundou a Agenda Realengo 2030 e se tornou Jovem Negociadora pelo Clima da Secretaria do Meio Ambiente e Clima do Rio.

Do trajeto de Realengo para a universidade em Niterói, onde se formou em Produção Cultural, Marcele percebia que quanto mais chegava nas áreas nobres da cidade, mais tinha árvores. "Quando voltava para a periferia, essas árvores todas davam lugar a somente concreto. E isso afeta não só no calor, mas também no nosso entendimento de cidade", analisa.

As juventudes negras, periféricas, indígenas e quilombolas são as mais prejudicadas, sem dúvidas, e isso deve ser levado muito em consideração, mas a crise climática não poupa ninguém. "Tem uma diferença de contexto de cada país, mas as mudanças climáticas estão afetando as juventudes no mundo todo, porque afeta as possibilidades de trabalho, a garantia de renda, a saúde tanto física como mental, e também a forma como a gente se entende no mundo", diz.

Ao representar a juventude, Marcele quer abraçar essa diversidade e, por meio da arte, da cultura e do ativismo, mostrar a força que toda essa galera tem quando se une. "Nós temos demandas diferentes, mas essas demandas como um todo estão sendo dialogadas entre os adultos que não entendem o que nós estamos passando."

Já no fim da entrevista, quando questionada sobre seu maior sonho de vida hoje, Marcele responde de bate-ponto: "Sobreviver até o final da COP 30", brincou. Depois, falou mais sério: "Fazer um bom trabalho, pô. Um trabalho que tenha impacto em diferentes juventudes ao redor do mundo, impulsionando isso que a gente chama de solução climática baseada na natureza, na cultura, no território, e valorizando as pessoas."

“NOS RECUSAMOS A ACREDITAR NO FIM DO MUNDO. POR QUE LOGO NA NOSSA VEZ? COM DECISÕES QUE NEM FOMOS NÓS QUE TOMAMOS, TÔ FORA, NÃO ACREDITO.”

ENTRETENIMENTO

O QUE NÃO SAI DA NOSSA PLAYLIST...

texto ARTHUR FERREIRA

Enquanto **Chappell Roan** e **Sabrina Carpenter** mantêm o embalo com as novas **The Giver** e **Busy Woman**, **Charli XCX** viu **party 4 u** voltar com força total após o **BRAT Summer**. **Miley Cyrus**, **Selena Gomez**, **Haim** e **Lorde** entregaram novos álbuns aguardados.

MAYHEM, da **Lady Gaga**, segue em alta, com **Vanish Into You** crescendo após o show no Brasil. As integrantes do **BLACKPINK** continuam investindo nas carreiras solo: **Lisa** e **Jennie** lançaram álbuns e **Jisoo** entregou um EP. Já **Bad Bunny** lançou disco novo em janeiro e ainda domina.

No Brasil, o destaque vai para **Marina Sena**, **Ebony** e **Carol Biazin**. Para ficar de olho: **Malcolm Todd**, **Rose Gray**, **Addison Rae** e **PinkPantheress** também lançaram novidades, enquanto **Laufey** e **Jonas Brothers** prometem para os próximos meses.

MELHORES DE 2025 (ATÉ AGORA!)

Ela dominou o começo de 2025 com **MAYHEM** e o show icônico em Copacabana. E a gente te avisou: **Doechii** veio para ficar (e já levou o seu primeiro Grammy). No Brasil, pela primeira vez, **Olivia Rodrigo** brilhou no Lollapalooza, enquanto **Bad Bunny** e **Marina Sena** serviram as melhores músicas.

Nas séries, **Overcompensating** virou febre, **The Last of Us** voltou forte, e os fãs de **O Verão que Mudou Minha Vida** estão se despedindo com a temporada final. **Beleza Fatal** foi um estouro, **Garota do Momento** foi puro chuá, **Dona de Mim** lidera a audiência, e o remake de **Vale Tudo** tem dado o que falar.

No cinema, teve de tudo: **Homem com H** emocionou, **Acompanhante Perfeita** e **Pecadores** serviram os melhores thrillers, e **Thunderbolts*** surpreendeu até os fãs desesperançosos da Marvel. Mas nada superou o grande acontecimento do ano: **Ainda Estou Aqui** e o Oscar de Melhor Filme Internacional.

E AINDA FALTAM SEIS MESES...

DE CORAÇÃO ABERTO

texto GUSTAVO BALDUCCI
ilustração JOTAVE
fotos DIVULGAÇÃO

APAIXONADO PELOS FÃS BRASILEIROS, BAEKHYUN CONTA COMO FOI SUA PRIMEIRA RODADA DE SHOWS NO BRASIL E REFLETE SOBRE MAIS DE UMA DÉCADA NO K-POP.

"PERCEBI O QUANTO OS EXO-LS AO REDOR DO MUNDO REALMENTE ME AMAM. APRENDI QUE QUEM ME AJUDA A VENCER O MEDO SÃO MEUS FÃS."

"Me arrependi de não ter vindo antes", dispara BAEKHYUN logo no início da entrevista exclusiva à CAPRICHO, sobre sua primeira visita ao Brasil. "Era um sonho antigo", explica o cantor sul-coreano, de 33 anos, integrante do grupo de k-pop EXO (um dos mais populares de todos os tempos), que lotou o espaço Vibra, em São Paulo, por duas noites seguidas no final de junho com a turnê solo Reverie.

"Senti um pouco de culpa por fazê-los esperar tanto tempo. Vi muitas pessoas chorando, e o olhar delas dizia que estavam esperando por esse momento de verdade. Só conseguia pensar: 'Preciso dar o melhor show possível e fazer com que todos saiam daqui realmente felizes'", confessou.

Mas, no palco, enquanto cantava e dançava alguns de seus maiores sucessos, incluindo Bambi, Pineapple Slice e Elevator, BAEKHYUN recebeu rapidamente a resposta do público, que entoou (em coreano e inglês) cada faixa do setlist. "Fiquei impressionado com o coro e os gritos tão altos dos EXO-Ls brasileiros. Foi uma felicidade imensa."

"Parecia que, mesmo se eu cantasse por dez horas seguidas, eles não se cansariam. Dava para sentir a energia deles de verdade, como se dissessem: 'não vou perder nenhum segundo. Vou absorver tudo com o corpo inteiro'. Isso me deixou ainda mais feliz. Com certeza, quero me apresentar para todos eles de novo no futuro", completou.

Toda essa comoção tem motivo. Com uma carreira sólida construída desde 2012, quando estreou como um dos vocalistas principais do EXO, ele e os demais integrantes conquistaram prêmios, soltaram diversos álbuns e bateram recordes impressionantes.

"Tive altos e baixos, mas cada momento com o grupo se transformou em uma experiência valiosa. Com base nisso, fui traçando meus próximos passos e tentando viver de acordo com esse plano. Trabalhei com muita dedicação para aprimorar minhas habilidades e me manter firme, sempre escolhendo o melhor caminho e dando o meu melhor para retribuir tudo isso."

Parte desse investimento começou a render ótimos frutos em 2019, quando ele deu o pontapé na carreira individual através do EP City Lights. Na época, o projeto vendeu mais de meio milhão de cópias e se tornou o disco solo mais vendido da Coreia do Sul na década de 2010. Desde então, ele não parou mais. Após completar o serviço militar obrigatório em 2023, fundou sua própria gravadora, a INB100, onde passou a criar e divulgar novas músicas com total liberdade criativa.

Em maio deste ano, foi a vez de lançar seu quinto mini-álbum (e talvez o mais pessoal), Essence of Reverie, com sete faixas escritas por ele, que mesclam pop, R&B e hip-hop. "Decidir escrever e compor o álbum inteiro me deu um pouco de medo no começo. Mas, com a ajuda do meu amigo Colde, que também é cantor e compositor, consegui me adaptar rápido, e esse medo logo virou empolgação", contou.

"Todo o processo foi muito divertido. Desde o início, falamos sobre a ideia de explorar o tema 'BAEKHYUN na fronteira entre realidade e ideal'. Até aqui, meus álbuns solo mostravam o que eu queria expressar. Mas, neste quinto, quis olhar para trás e focar mais no que os fãs e o público esperam ou desejam ver de mim. Descobri o quanto esse processo pode ser interessante, e por isso, quero continuar fazendo músicas que reflitam meus sentimentos e pensamentos."

O disco também dá nome à turnê mundial, que, após passar pela América Latina, ainda terá paradas em países como Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Austrália e Japão. "Após viver momentos tão incríveis no Brasil, estou ansioso para reencontrar os fãs de outros lugares. Quero ir para todos os continentes. Não existe um lugar que eu não queira ir", disse.

"Percebi o quanto os EXO-Ls ao redor do mundo me amam. Tenho uma tendência a me assustar com o que nunca experimentei antes, mas aprendi que quem me ajuda a vencer esse medo são meus fãs."

Provando que é artista versátil, BAEKHYUN sabe transitar com naturalidade por diferentes áreas: além de cantar e dançar muito bem, ele já atuou na TV (vale conferir o k-drama de época Moon Lovers: Scarlet Heart Ryeo, de 2016) e é ícone da moda, cobiçado por grandes marcas de luxo. Segundo ele, o elogio é válido, mas ainda há muito a evoluir.

"Sinceramente, acho que tenho muito a crescer. Se tenho alguma força, é o esforço que coloco para não parecer fora do lugar em nada que faço. Não sou alguém naturalmente talentoso, sou alguém que se dedica. Acredito que posso continuar evoluindo, e ficaria muito grato se as pessoas acompanhassem esse crescimento comigo."

Com mais de uma década na indústria musical, ele segue otimista com o que vem pela frente. "Para o futuro, quero continuar sendo a mesma pessoa de sempre, mantendo constância em tudo. Também quero fazer mais colaborações com outros artistas e explorar novos gêneros musicais.

“TENHO QUE VIVER CADA DIA DANDO O MEU MELHOR. NADA É IMPOSSÍVEL. VIVO COM GRATIDÃO, POR PODER ME APRESENTAR PELO MUNDO, ENCONTRAR OS EXO-LS, CANTAR E DANÇAR.”

"Sempre ativo nas redes sociais, sua relação com o fandom, especialmente por meio de lives e eventos, tem se tornado cada vez mais próxima e profunda. Para ele, essa conexão é essencial. “Já houve momentos em que senti que meus fãs estavam torcendo por mim e pensando em mim em primeiro lugar, mesmo esperando por muito tempo e sem promessas. Isso me fez perceber que eu não podia deixá-los somente curiosos sobre mim o tempo todo. Por isso, comecei a valorizar tanto a comunicação.”

“Não sou do tipo que costuma se apoiar ou depender de alguém, mas hoje vejo que me apoio muito nos meus fãs e tiro forças deles. Ultimamente, tenho me comunicado mais justamente porque preciso dessa força”, destaca.

E o Brasil ficou marcado para sempre. “Após receber tanta energia e paixão dos EXO-Ls no Brasil durante esses dois dias de shows, sinto que não tenho mais nada a temer”, disse à CAPRICHO.

“Muito obrigado por me darem essa confiança. Espero que meu show tenha parecido um sonho do qual a gente acorda com o coração leve. Aquele tipo de sonho que ilumina o dia inteiro. Desejo que essa felicidade continue com todos vocês para sempre. Eu amo vocês.”

K-DRAMA

박보검 화이 김소현

BOM GAROTO, ÓTIMO ATOR

O astro Park Bo-gum e o elenco de Good Boy explicam por que o novo k-drama do Prime Video já é um dos melhores do ano.

화이팅

por GUSTAVO BALDUCCI
fotos PRIME VIDEO

2025 tem sido um ano de grandes conquistas para Park Bo-gum. Mesmo com uma carreira consolidada há mais de uma década, o galã sul-coreano brilhou ao protagonizar dois dos k-dramas mais comentados do ano. Em Se a Vida Te Der Tangerinas..., da Netflix, ele interpreta um jovem determinado que faz de tudo para ter um final feliz ao lado de sua amada – vivida por ninguém menos que IU, uma das cantoras e atrizes mais populares da Coreia do Sul.

"Trabalhar nesta série com o Bo-gum por cerca de um ano foi uma experiência de muito aprendizado. Mesmo tendo a mesma idade, percebi o quanto ele é maduro", contou IU à CAPRICHO na época do lançamento. "Ele tem uma energia incrivelmente positiva que contagia todos ao redor", completou.

Aos 32 anos, o ator encara um novo desafio. Com um elenco de peso, que inclui Kim So-hyun, Lee Sang-yi, Heo Sung-tae e Tae Won-seok, além de muitas cenas de ação, a superprodução Good Boy chegou ao catálogo do Prime Video quebrando tudo em maio. A trama acompanha um grupo de ex-atletas medalhistas que, por circunstâncias inesperadas, acaba formando uma equipe especial da polícia.

Agora, em vez de competições esportivas, os personagens precisam enfrentar um mundo dominado por crimes violentos, injustiças e figuras perigosas, usando suas habilidades para resolver cada caso. Mas trocar as medalhas por distintivos não é uma tarefa fácil.

"Quando li o roteiro pela primeira vez, achei muito envolvente e intrigante – quase como se estivesse lendo uma história em quadrinhos. Como a história gira em torno de pessoas que vivem em busca de justiça, pensei que, se o mundo fosse cheio de pessoas assim, nossa sociedade teria muito mais esperança", disse Park Bo-gum em entrevista exclusiva à CAPRICHO.

"Trabalhar com o resto do elenco me ensinou o valor de manter uma energia positiva no set e de ter uma entrega intensa nas cenas. Também aprendi a reagir espontaneamente ao que acontece ao redor, a deixar as coisas fluírem, a estar de mente aberta. E prestei muito mais atenção à continuidade e aos detalhes. Trabalhar com esse time foi, sem dúvida, um enorme prazer", afirmou.

"Assim que li o roteiro, o personagem de Bo-gum, que é um boxeador, me chamou bastante atenção. Cada vez que ele dava um soco, era tão vívido que eu quase sentia como se fosse comigo. Fazer parte de um projeto com um roteiro tão incrível, um diretor talentoso e um elenco maravilhoso me fez sentir que essa série é ser um divisor de águas na minha carreira", destacou Kim So-hyun.

Para a atriz, o set estava sempre em sintonia. "Durante as filmagens, criamos um espírito de equipe muito forte. Senti de verdade essa colaboração intensa, e também aprendi sobre lealdade mútua. O set era cheio de risadas e uma energia muito boa o tempo todo."

O elenco se aproximou tanto que até viram uma estrela cadente juntos durante as gravações. "Achei que fosse um sinal de que a série vai ser um sucesso", disse Lee Sang-yi. Já So-hyun confessou que ele era o mais engraçado do set: "Ele fazia todo mundo rir, até sem perceber. O Bo-gum era o que mais se acabava de rir."

Outro destaque de Good Boy são as cenas de ação. Segundo Bo-gum, elas foram um dos pontos altos da produção. "Tivemos um trabalho em equipe impecável, e todos conseguimos realizar nossas próprias cenas de ação com competência."

"Nosso diretor de artes marciais fez um trabalho excelente nos preparando e trazendo à tona nossa agilidade e dinamismo. O diretor de fotografia também capturou tudo de forma brilhante. Isso é algo que o público com certeza vai curtir assistir. Uma cena que guardo com carinho é uma em um túnel, em que cada personagem aparece com suas próprias habilidades, prontos para combater o mal. Foi memorável", afirmou.

Sabendo que possui uma base de fãs imensa e fiel no Brasil, o astro também fez questão de deixar um recado especial. "Sempre recebo muito carinho dos fãs brasileiros nas minhas redes sociais. E, quando viajo para eventos no exterior, sempre encontro algum fã do Brasil. Quero agradecer de coração por todo o amor e apoio que vocês me dão. Espero que vocês estejam adorando assistir Good Boy e que seja uma experiência catártica, divertida e emocionante."

@화이팅#

"SEMPRE RECEBO MUITO CARINHO DOS FÃS BRASILEIROS NAS MINHAS REDES SOCIAIS."

quero fazer uma série com você

por GAUTIER LEE
colagem MATHY

COLUNA

Em muitos momentos a vida adolescente pesa. É aquela pessoa especial que deixa borboletas no estômago, são os boletos que os pais falam em segredo e só deixam dúvidas no ar, é o espelho que mostra uma imagem que você ainda não sabe como amar. A ansiedade toma conta e o medo é paralisante.

Mas daí a gente liga a TV (ou o notebook, ou o tablet, ou o celular, não é mesmo?) e encontramos um escape para toda a confusão mental que nos assombra: aquela seriezinha gostosa, às vezes de qualidade duvidosa, mas que faz a vida parecer menos cinza. E se você prestar atenção dá para ver que o que era hypado há 15 anos foi repaginado e tem trazido novas perspectivas para a gente.

Maratonei Gossip Girl inteira cinco vezes e achava que precisava de sapatos caros, um círculo social altamente tóxico e mensagens anônimas para aproveitar a vida. Não que o drama teen tenha perdido a graça - quem me conhece bem sabe que amo uma boa picuinha entre melhores amigas (alô JackieShauna). Mas as coisas mudaram. Hoje o público tem vontades e necessidades diferentes. A gente quer histórias que retratem a nossa realidade. Histórias que não façam a galera preta, LGBT+, periférica, neuro divergente ou fora dos padrões normativos, de piada.

Histórias com personagens que sentem como a gente sente, que erram como a gente erra e que sofrem como a gente sofre. A vida é desse jeito: complexa, bagunçada, melancólica. E séries boas de verdade entendem isso. E eu sou otimista (talvez até por teimosia) e procuro focar nos avanços que a indústria audiovisual tem feito.

Sinto que os streamings e emissoras estão, em passos lentíssimos, entendendo que a gente não quer ver só gente branca, magra e rica vivendo romances água com açúcar e triângulos amorosos defasados. A gente quer ver tudo. A gente quer ver pessoas gordas amando e sendo amadas. A gente quer ver meninos trans sendo protagonistas sem cair na narrativa de sofridão eterna. A gente quer ver minas pretas sendo vilãs à la Karol Conká no BBB 21 - até porque representatividade de maldade também importa. A gente quer ver sotaques diversos, corpos de verdade, famílias bagunçadas. A gente quer gargalhar do caos e se debulhar em lágrimas enquanto nos sentimos abraçadas pelos personagens.

E agora, em pleno 2025, existe espaço pra tudo isso. Temos um número imenso de jovens diretoras e/ou roteiristas que estão começando a ser ouvidas. E isso é o segredo pra uma mudança efetiva. Quando as palavras vêm da nossa vivência, as histórias ficam mais acolhedoras. E a gente sente isso.

Mas também não é um mar de rosas. Conheço um número, até alto demais, de produções que só querem trazer diversidade para preencher cota. Sabe aquele personagem gay que só serve pra ser o melhor amigo, mas nunca tem uma trama pra si? Ou aquela "piada" que é só gordofobia disfarçada? Infelizmente elas ainda existem. E junto delas ainda vem as mentes fechadas que acham que política é só pra "adulto", mesmo que adolescentes possam votar. Ou ainda as que acham que depressão é frescura e coisa de quem não tem o que fazer. É difícil. Mas daí cabe a nós fazer barulho.

Vamos reclamar e gritar "isso não sou eu!" em alto e bom som. E se você ainda não encontrou a série que te toca lá no fundinho do coração, não se estressa. Ela tá vindo. Juro que tô escrevendo para ela chegar até você. E talvez você não encontre as respostas para o que você sente em uma série. Mas talvez ela te faça boas perguntas. Então assiste, sente, se entregue. E, se quiser, escreve também. Quem sabe um dia a gente não faz uma série juntas?

GAUTIER LEE

GAUTIER LEE É CINEASTA, NÃO-BINÁRIA, NEGRA E LÉSBICA.TRABALHOU EM SÉRIES PARA A AMAZON, NETFLIX, GLOBOPLAY E COMEDY CENTRAL. É APAIXONADA POR COMÉDIAS ROMÂNTICAS E NARRATIVAS TEEN. ESCREVE MENSALMENTE PARA A CAPRICHO.

ouvir é pouco — eu quero viver a música

por ISA CECCARELLI
colagem MATHY

COLUNA

Essa não é uma coluna de recomendação musical. Quer dizer, até pode ser — porque se eu falar com tanta paixão de certos artistas, muito provavelmente você vai sair daqui querendo ouvi-los. Mas, na essência, esse texto é sobre outra coisa. É sobre como ser fã, de verdade, pode ser uma das experiências mais bonitas, intensas e transformadoras que a gente vive.

Desde muito nova, entendi que música é mais do que trilha sonora — é ponto de encontro, forma de expressão, identidade, conexão com os seus. No entanto, o ano de 2025 tem sido realmente especial. Por alguma razão cósmica, tenho conseguido viver tudo isso com mais intensidade: me programar para ir a shows, a festivais, a encontros, a ver de perto artistas que admiro, a cantar com estranhos, a vibrar com amigos, a dançar até a alma sair do corpo e viver o dia seguinte como se fosse uma grande ressaca.

Esses momentos viraram mais do que shows: viraram encontros, daqueles que realmente mudam a química do cérebro. Entre mim e os artistas. Entre mim e meus amigos. E entre uma versão minha que ainda sente falta de viver em grupo depois dos anos de isolamento social. Os festivais e shows têm me dado isso: destinos comuns com pessoas que amo e a chance de viver momentos grandiosos.

No Lollapalooza, fui surpreendida mais uma vez. Vi Ca7riel e Paco Amoroso, artistas argentinos que eu já adorava e que tive a grande sorte de poder conhecê-los pessoalmente. Além do show em si ter sido maravilhoso, eu e minha amiga nos preparamos para esse momento: produzimos roupas inspiradas no figurino que eles usaram no Tiny Desk Concert, o que fez a gente viver esse momento muito antes.

Teve também o show da Lady Gaga em Copacabana, um evento que tenho certeza que constará nos livros de história. Além do show em si ter sido impecável, viver um evento público, daquela magnitude, em que uma cidade inteira se moldava ao redor de um espetáculo, foi sem igual. Foi mais que um show.

E teve, claro, ela. A artista que mais me inspira. Viajei para os Estados Unidos só para vê-la mais uma vez: Beyoncé. O show da Queen B é uma verdadeira celebração, no qual os próprios fãs também são protagonistas. Antes mesmo de chegar no estádio, nos deparamos com pessoas de diversas idades (vi desde famílias com crianças, idosos, até mulheres grávidas) se mobilizando e se produzindo lindamente.

Essa não foi a primeira vez que faço isso e, toda vez escuto alguém dizer: "mas vale mesmo a pena gastar tudo isso num show?" A minha resposta é sempre: vale. Vale cada centavo, cada plano, cada espera. Porque se permitir viver a música assim — na pele, na lágrima, no suor, no fôlego dividido com milhares — é investir em si. É declarar que o que te emociona merece palco e plateia.

Se você tem um artista que ama, um festival que sonha, um show que arrepia só de imaginar... se organiza, se planeja, e vai. Compra o ingresso, combina com os amigos, pensa no look e na produção com antecedência, parcela a passagem se for preciso porque vale a pena, sim.

Vale pela conexão, pelas lágrimas, pelo frio na barriga. Vale pelas memórias que você vai guardar e pelas histórias que vai contar — de um jeito que nenhuma playlist consegue fazer. Viver um show é muito mais do que ver um artista de perto — é ver de perto quem você é quando sente tudo de verdade.

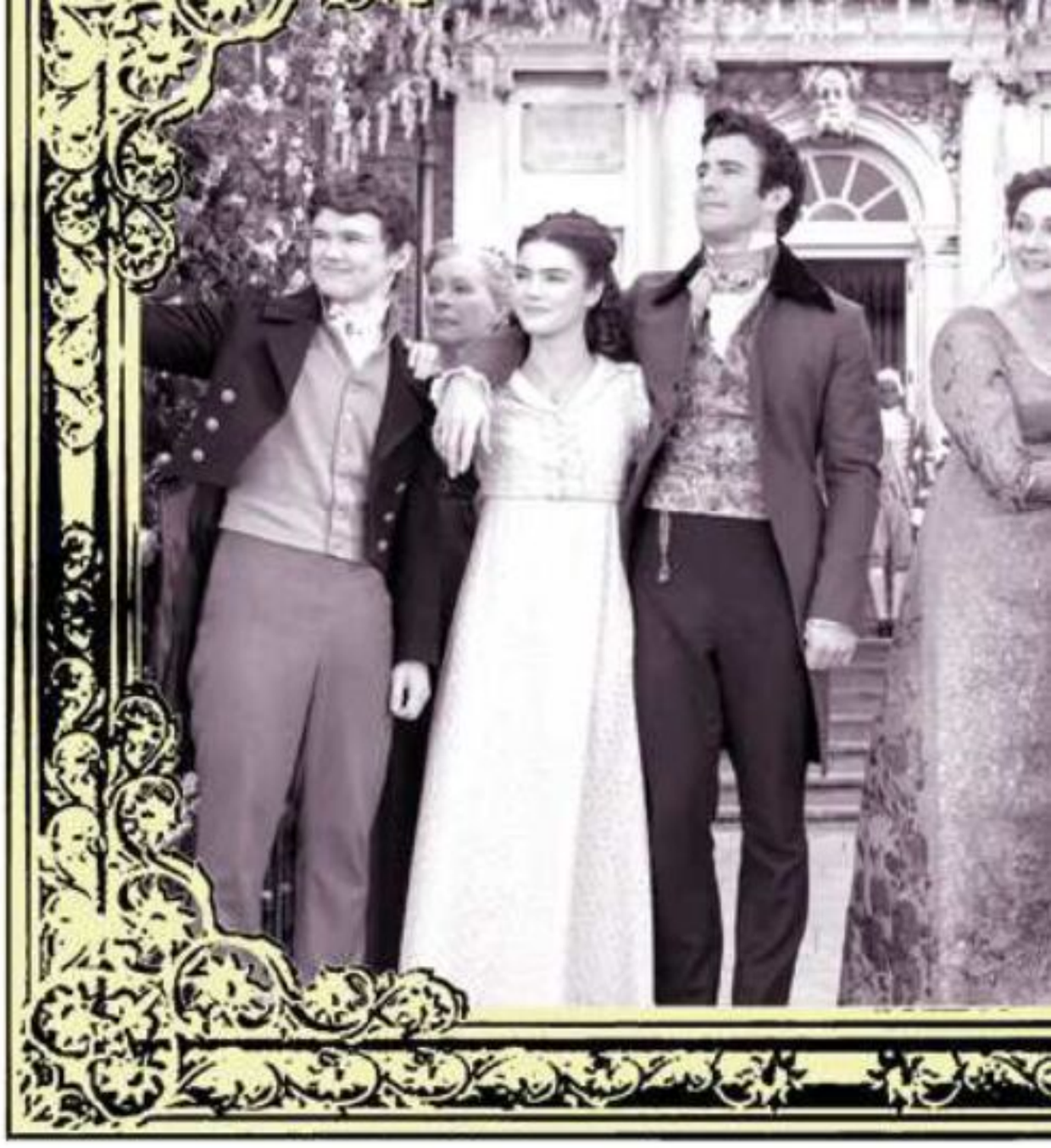
ISA CECCARELLI

TRABALHA COM DIREITO E ENTRETENIMENTO E COLABORA COM O SELO ROCKAMBOLE, UM SELO MUSICAL INDEPENDENTE DE SP. NA CH, COMPARTILHA SUAS DESCOBERTAS MUSICAIS.

Um reflexo do futuro (E DO PASSADO)

por ANNY GUERRERA
colagem MATHY
fotos APPLE TV+, NETFLIX, TV GLOBO

Entre dramas, conflitos amorosos e revoluções, romances de época se tornaram uma forma de conforto para representar o período em que vivemos e o que precisa ficar lá atrás.



Vestidos volumosos, bailes deslumbrantes e cenários históricos marcam romances de época que já se provaram verdadeiros sucessos em inúmeras ocasiões. Tanto nas páginas quanto nas telas, muitas das produções do gênero trazem sensação de conforto e oferecem escapismo da realidade, apesar de debaterem quebras de padrões na mesma medida em que provocam questionamentos.

A lista de títulos que usa da liberdade criativa para explorar enredos à moda antiga é longa: ***Orgulho e Preconceito, Mulherzinhas, Dickinson, Bridgerton e até a nossa brasileira Garota do Momento.*** Outro exemplo é a série ***Os Bucaneiros***, original da AppleTV+ que, em sua nova temporada, continua apostando justamente na adição de elementos contemporâneos para aproximar o público de narrativas mais plurais ambientadas em 1870, durante a Era Dourada (que também dá nome à produção da HBO).

Em entrevista exclusiva à CAPRICHO, **Kristine Frøseth** compartilhou detalhes da trajetória de Nan St. George, sua protagonista na adaptação baseada no livro homônimo de **Edith Wharton**, publicado ainda inacabado em 1937. A atriz de 29 anos interpreta uma jovem norte-americana que se muda para Inglaterra com um grupo de amigas próximas e deseja subverter regras de um mundo guiado por status e reputação.

"É ótimo vê-la defender os valores que acredita. Mesmo se Nan não estivesse na Inglaterra ou na posição de duquesa, ela ainda usaria a própria voz para causar impacto", ressaltou Frøseth sobre como a personagem aproveita a posição de poder, como duquesa, para combater injustiças.

Abordando temáticas como sexualidade, liberdade e a luta pela conquista de direitos, a amizade das personagens dá vida à produção. Juntas, elas quebram normas sociais e desafiam ideais conservadores da alta sociedade britânica, gerando um maior nível de identificação para o espectador, que admira e cria uma relação de afeto com cada narrativa. **E é em meio ao caos que o romance entra na história.**

O clássico triângulo amoroso da vez divide o público entre Guy e Theo. "Os dois relacionamentos são complicados e ela os ama por razões diferentes", analisou Kristine. O trio vive o tipo de história em que "você não faz ideia se eles vão ficar juntos, ou até mesmo se eles deveriam terminar juntos", como pontuou **Matthew Broome** à CH. Apesar de traições e decepções, **Guy Remmers** ainda acredita que os personagens sempre vão "amar um ao outro", acrescentando à fórmula de como construir um bom drama.

ROMANCE DE ÉPOCA VS. DRAMA HISTÓRICO

No romance de época, a ficção entra em jogo para narrar uma história ambientada no passado, mas que não é necessariamente fiel aos eventos, figurinos e trilha sonora da época. Já dramas históricos retratam acontecimentos reais de forma precisa.

Mesmo apoiada em referências ao tempo atual e na ficção, a série Os Bucaneiros não deixa de lado o fator histórico do período em que se passa. São as mulheres autênticas, sensíveis e confiantes da trama que definem como o gênero se reinventa constantemente, combinando a trama romântica e dramática com reflexos do impacto que figuras como elas tiveram no passado.

Paola Aleksandra, autora e produtora de conteúdo literário, observou que muitos romances de época não são necessariamente fiéis ao século, mas isso não significa que dilemas sejam esquecidos ou ignorados. "Os Bucaneiros mostra a resistência que os ingleses tinham com os novos-ricos que estavam vindo das Américas. Vemos a realidade da história do mundo implícita ali. O romance de época brinca com o mundo atual e pode fazer suas conexões", disse à CAPRICHO.

Para a especialista, às vezes, não vemos o quanto esse gênero traz questionamentos muito valiosos. "Uma coisa que senti e aprendi escrevendo e lendo esses títulos, foi valorizar todas as mulheres que vieram antes de mim", acrescentou Aleksandra, que é autora de títulos como *O roubo em três atos*. A representação disso vem em roupagens diferentes já que, enquanto um drama histórico requer mais fidelidade e compromisso com os fatos, os romances de época criam outros caminhos como escapismo, exploram posturas que tornaram o presente possível e tecem críticas sobre atrasos e retrocessos.

O gênero está em constante reinvenção, trabalhando pautas distintas em livros, séries, filmes e novelas que provocam discussões que acompanham a evolução de debates sociais e políticos.

Mas isso não é surpresa. Para Paola, foram justamente as "mocinhas à frente do tempo" que permitiram que ela escrevesse suas histórias. "O romance de época levanta pautas importantes sobre a voz e o lugar da mulher. Porque, por muito tempo, esse local era marcado. A mulher só podia seguir o mesmo modelo de vida, e esse modelo era ditado pelos homens ao redor dela", pontua.

"Quando falamos sobre isso, trazemos para o momento atual, porque ainda existem mulheres que não têm a liberdade de ir e vir, ainda existem mulheres que não podem escolher se elas querem ser mães, por exemplo. É realmente uma força constante, estarmos questionando o sistema e falando sobre o nosso lugar, onde pertencemos e quem está escrevendo as nossas histórias."

A autora ainda ressaltou a variedade de histórias que ganharam destaque pela mais recente popularização do gênero com o fenômeno de ***Bridgerton***, adaptação que se tornou um ponto de fuga para muitos fãs. Um dos destaques desse movimento da audiência envolve a busca por histórias mais diversas e representativas, apresentando personagens que fazem com que o público se sinta visto e compreendido — apesar da ambientação em mundos que parecem distantes da realidade.

"[O sucesso da série de Bridgerton] ajudou autores que já escreviam romances de época diversos há muito tempo, antes dessa diversidade ser tão bem apresentada nas telas, a serem mais vistos", explicou Paola. "É um convite para um toque de magia, afinal, estamos no mundo contemporâneo e podemos ir para um cenário completamente novo."

Tão aconchegantes quanto um abraço, os romances de época são uma escapatória em tempos em que tudo parece excessivo e imediato. Unindo o mágico e o romântico, o gênero não só inspira mudanças e revoluções que rompem com expectativas, como também ecoa vozes que reinventam seus tempos.

TESTE

QUAL PROTAGONISTA DE ÉPOCA VOCÊ SERIA?

TESTE

TESTE

1. ANALISANDO SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS, VOCÊ É UMA PESSOA...

A) Criativa
B) Observadora
C) Determinada
D) Sincera

2. QUAL PRESENTE VOCÊ GOSTARIA DE GANHAR?

A) Uma pintura
B) Um diário
C) Um colar
D) Chocolates e flores

3. QUAL PRESENTE VOCÊ GOSTARIA DE GANHAR?

A) Passear pela cidade
B) Ler e escrever histórias
C) Sair com amigos
D) Pintar e desenhar

4. O QUE VOCÊ FAZ QUANDO NÃO SABE COMO RESOLVER UM PROBLEMA?

A) Busco soluções com ajuda de amigos próximos
B) Guardo segredo até saber o que fazer
C) Escolho apenas uma pessoa de confiança para me ajudar
D) Não falo para ninguém, mesmo que demore para resolver por conta própria

5. O ENREDO DO SEU ROMANCE PRECISA TER...

A) Amor à primeira vista
B) Amigos que se apaixonam
C) Triângulo Amoroso
D) Inimigos que se apaixonam

6. O QUE É MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ?

A) Crescimento pessoal e família
B) Aventura e romance
C) Liberdade e amizade
D) Lealdade e conhecimento

7. EM UM GRUPO, VOCÊ É A PESSOA:

A) Sensível, que mantém todos juntos
B) Defensora, que luta pelo que acredita
C) Impulsiva, que topa qualquer aventura
D) Prática, que toma as decisões difíceis

8. COMO VOCÊ LIDA COM DECEPÇÕES?

A) Levanto a cabeça e tento de novo em seguida
B) Tiro um tempo para pensar e refletir
C) Me deixo levar pela emoção e faço coisas sem pensar
D) Reprimo o sentimento e finjo que nada aconteceu

RESULTADO

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "A"

Beatriz, Garota do Momento

Assim como Beatriz, de Garota do momento, você é uma pessoa otimista e dedicada, dando o seu melhor todos os dias.

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "B"

Penelope, Bridgerton

Romântica e atenta aos detalhes, Penelope é a protagonista que te define, mostrando seu lado mais honesto e verdadeiro.

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "C"

Nan, Os Bucaneiros

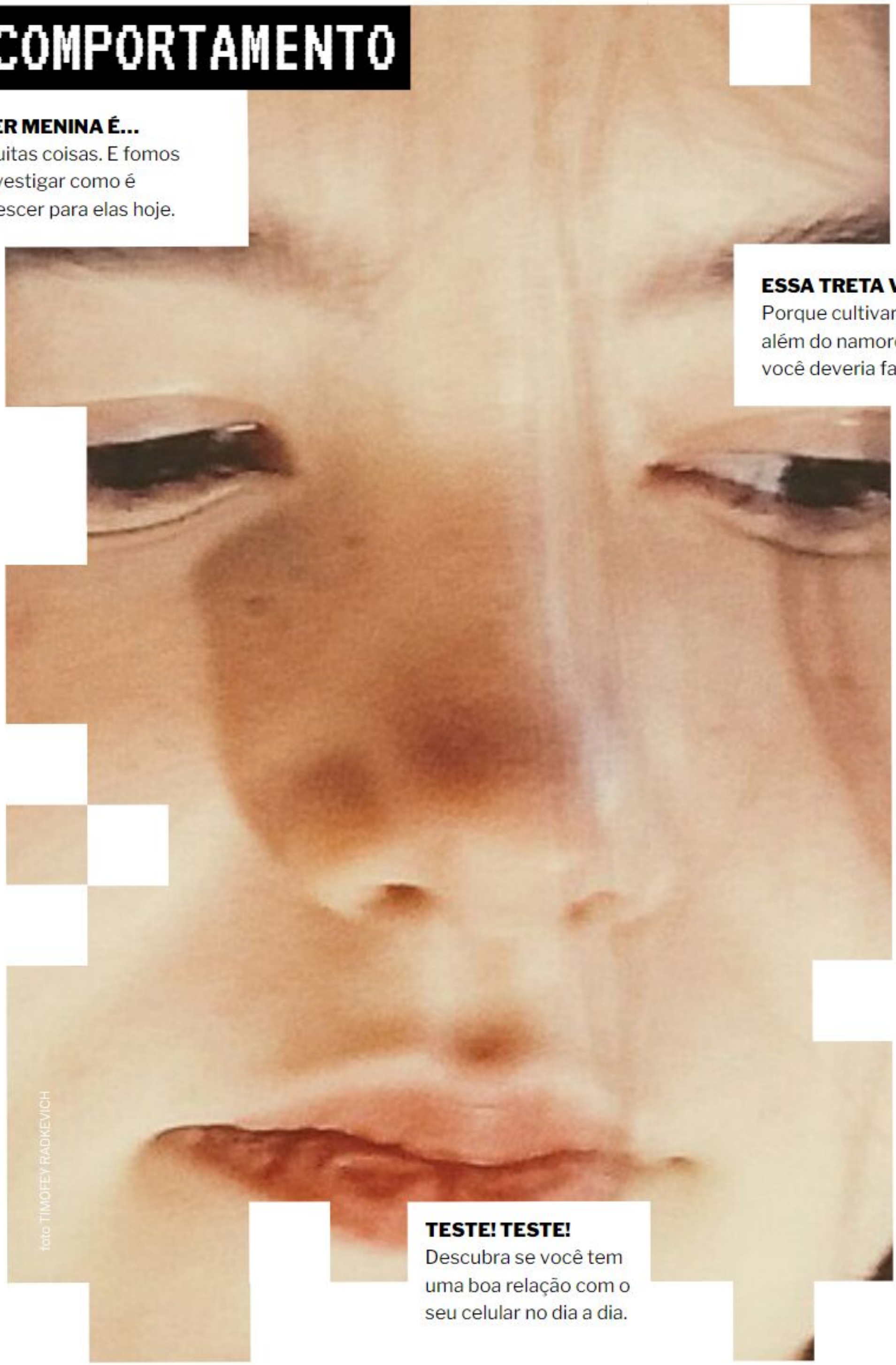
Nan reflete sua personalidade no cuidado com a família e amigos ao mesmo tempo em que é livre e não tem medo de mergulhar no desconhecido.

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "D"

Charlotte, Rainha Charlotte

Independente e corajosa, Charlotte é aquele tipo de pessoa que faz de tudo para defender o que ama e enfrenta qualquer consequência, assim como você.

COMPORTAMENTO



SER MENINA É...
Muitas coisas. E fomos investigar como é crescer para elas hoje.

ESSA TRETA VALE?
Porque cultivar amizades além do namoro é o que você deveria fazer.

foto TIMOFEY RADKEVICH

TESTE! TESTE!
Descubra se você tem uma boa relação com o seu celular no dia a dia.

fotos a partir do topo TIMOFEY RADKEVICH / SUAD KAMARDEEN / SYDNEY MOORE

SER MENINA HOJE É...

por MARIANA GONZALEZ

De um lado, meninas são expostas à violência de gênero e a pressão estética na internet — e também fora dela. De outro, estão mais informadas e fortes para brigar por seus direitos.

**Os nomes foram alterados para preservar a identidade das jovens que participaram da matéria e que são menores de idade.*

O ano é 2015. O Brasil é presidido por uma mulher e o Facebook é a rede social mais acessada no país, seguida pelo X, que ainda se chamava Twitter. Em março, foi sancionada a Lei do Feminicídio. Em outubro, o Enem fez menções à igualdade de gênero, citando Simone de Beauvoir, e elegeu como tema da redação da prova "a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira". Ao longo de todo o ano, as redes sociais foram inundadas por relatos fortíssimos de assédio, estupro e outros tipos de violência de gênero, a partir das hashtags "meu primeiro assédio" e "meu amigo secreto"; o movimento foi tão grande e tão importante que inspirou relatos nos Estados Unidos e na Europa. Neste cenário, há uma década, nasce a chamada quarta onda do feminismo no Brasil; ou, basicamente, o feminismo como o conhecemos hoje. De lá para cá, ganharam corpo discussões como o direito ao aborto, a representatividade de pessoas LGBTQIA+ e a participação de mulheres na política – nos últimos dez anos, o número de mulheres na Câmara dos Deputados quase dobrou.

A despeito de uma verdadeira primavera feminista no Brasil daquele momento, pouca coisa mudou na prática para as meninas e jovens mulheres brasileiras. Meninas de 12 a 18 anos continuam na mira da violência. Se, por um lado, você aí do outro lado e suas amigas cresceram em meio a discussões sobre igualdade de gênero e estão mais empoderadas para exigir seus direitos, de outro, é sabido que estão também mais expostas à pressão estética e à violência de gênero facilitada por ela, a tecnologia. A redação da CAPRICHO estava com uma pergunta presa na garganta e buscou respondê-la: afinal, como é ser menina no Brasil hoje?

Vivemos em um país enorme, da dimensão de um continente, e também muito diverso, que abriga múltiplas culturas, às vezes dentro da mesma cidade. A desigualdade social é gigante. Embora brasileiras de 12 a 18 anos tenham contextos muito diferentes entre si, a depender de fatores como classe social, raça, sexualidade e até a composição de suas famílias — se têm muitos irmãos ou são criadas por mães solo, por exemplo — há algumas questões comuns que elas enfrentam em 2025. Para responder a essa pergunta, CAPRICHO encarou uma série de entrevistas com adolescentes brasileiras e com profissionais que estão de olho nessa parcela da população, que corresponde a quase 7% de todos os brasileiros, viu?

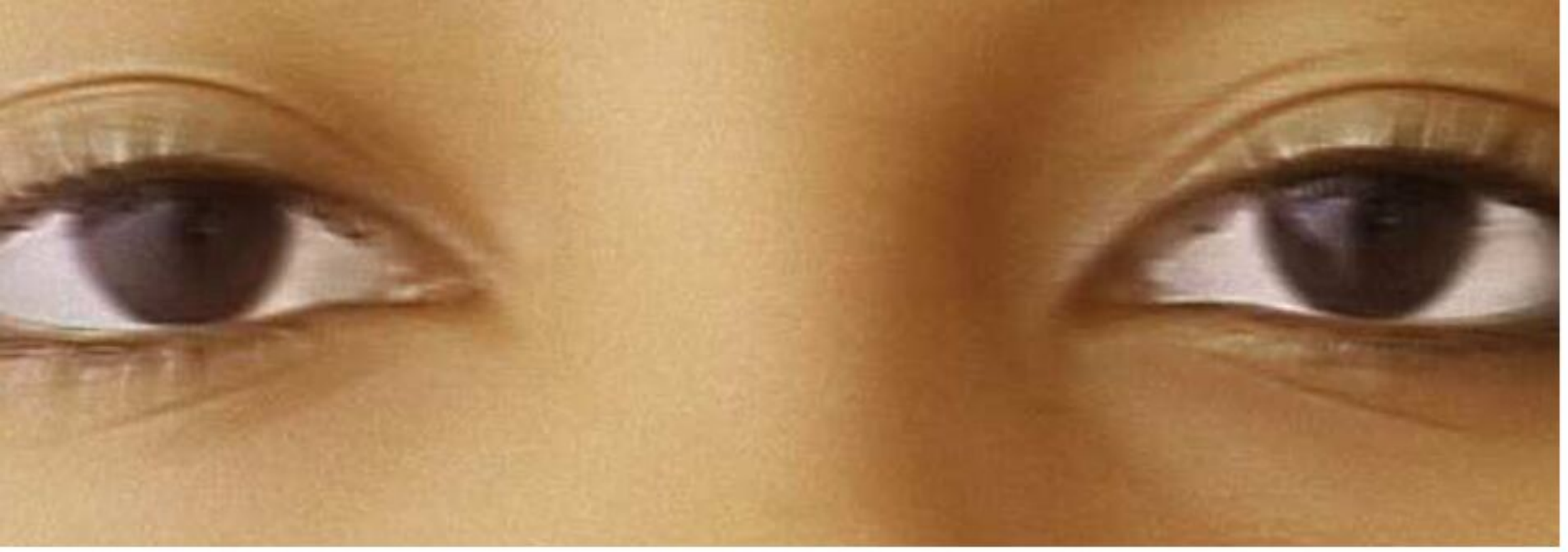
NA MIRA DA VIOLÊNCIA

O assédio é um tipo de violência que pode assumir diferentes formas, a depender do contexto. Desde as conhecidas cantadas desagradáveis, até olhares e toques indesejados, perseguição na internet, todo tipo de comportamento ameaçador ou perturbador, sim, é assédio. E, a depender do contexto, ele também pode ter resquícios de racismo, homofobia e transfobia, por exemplo. Fato é que, de uma forma ou de outra, o assédio foi um dos temas que mais apareceu nas entrevistas feitas pela reportagem da CAPRICHO às personagens.

Juliana*, por exemplo, narra o dia em que foi apalpada durante um bloco de carnaval, aos 14 anos; também não é raro que ela seja alvo de assédio no trajeto de casa para a escola, nas ruas de Heliópolis, na periferia de São Paulo. "São olhares, comentários. Quando acontece, sinto vontade de xingar, mas quase sempre fico quieta por medo", conta. A mais de 3 mil km de distância dela, Ana* também enfrenta assédio no caminho para a escola, em Rio Branco (AC). Ela estuda em um colégio militar e reclama de ter que usar uniformes diferentes dos meninos – enquanto eles usam calça e sapatos baixos, as meninas devem vestir uniforme composto por saia e salto alto: "Além de atrapalhar os nossos movimentos e machucar os pés, a farda feminina é mais justa e eles ficam olhando".

Para adolescentes LGBTQIA+, o assédio ganha contornos também de homofobia e transfobia. "Uma vez, voltando para casa à noite, passaram de carro e jogaram ovos em mim e nos meus amigos. Foi horrível, fiquei morrendo de medo", lembra Gabriela*, que é uma adolescente trans e acredita que o ataque foi motivado justamente por transfobia. Por namorar outra garota, Juliana também sente tensão ao andar de mãos dadas com a namorada — elas nunca foram alvo de nenhuma situação explicitamente homofóbica, mas se sentem inseguras com alguma frequência. "Duvido que uma pessoa heterossexual se sinta assim", fala.

Nas escolas, a violência assume um caráter emocional. A maioria dos episódios registrados, segundo o Ministério de Direitos Humanos e Cidadania, não envolve brigas ou agressões físicas, mas bullying, ameaças, constrangimentos e assédio moral e sexual. Entre 2013 e 2023, os casos de violência deste tipo



cresceram 254%. E, na internet, o cenário pode ser ainda mais perigoso: é lá que nasce e cresce a chamada "machosfera", ou seja, uma comunidade de criadores de conteúdo misóginos, que pregam o desprezo e o tratamento violento contra as mulheres, além de reforçar estereótipos de gênero. Uma pesquisa feita em 2024 pelo NetLab, da Universidade Federal do Rio de Janeiro com o Ministério das Mulheres, identificou um aumento de 88% de vídeos desse tipo a partir de 2022.

Na prática, como explica a juíza Vanessa Cavalieri, da Vara da Infância e Juventude, meninos começam a ser expostos a esse tipo de conteúdo machista muito cedo, a partir dos 11 anos, e isso faz com que eles cresçam achando esse tipo de discurso normal. "Com a internet, um menino que acha normal desprezar mulheres encontra outros que acham o mesmo e eles criam uma comunidade. Então, o que antes seria só uma pessoa numa escola, pensando em fazer algo errado, se torna um grupo inteiro pensando em fazer o mesmo". A psicanalista Carolina Delboni explica que, na prática, esse tipo de conteúdo instiga meninos a praticar violência contra as meninas, aumentando a incidência de práticas como pornografia de vingança, nudes fakes criados com inteligência artificial e cyberbullying – trata-se da "violência de gênero facilitada pela tecnologia".

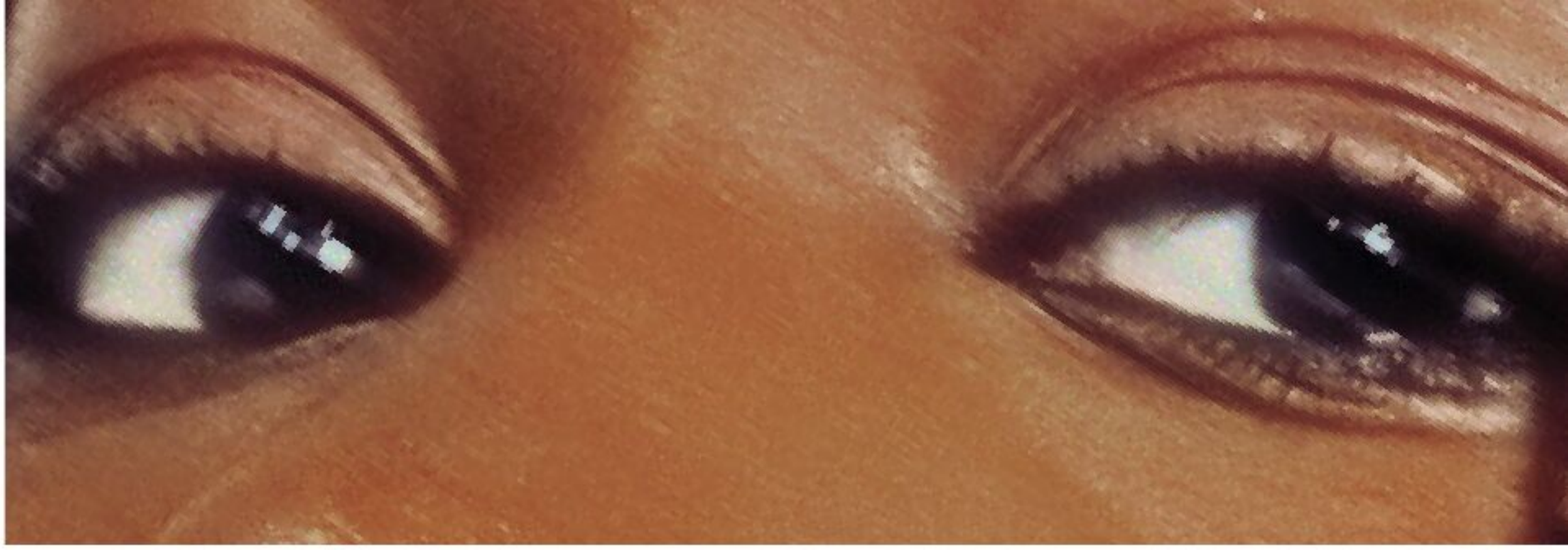
Das cinco adolescentes que entrevistamos, quatro disseram já ter sofrido algum tipo de violência nas redes sociais. Taís*, por exemplo, foi perseguida por homens mais velhos, desconhecidos, em seus stories do Instagram; Gabriela* recebeu dezenas de comentários transfóbicos quando postou um vídeo falando sobre sua transição de gênero no TikTok. Hoje, as duas têm as redes sociais privadas somente para conhecidos. O caso relatado por Juliana foi ainda mais grave: há alguns anos, quando mudou de escola, passou a receber mensagens anônimas com ameaças e agressões sexuais de um número desconhecido: "Como eu havia acabado de entrar na escola, pensei ser alguém da minha sala mandando mensagem. Mas era uma pessoa, provavelmente um homem, que sabia onde eu estudava e começou a me mandar fotos pornográficas, perguntando se eu gostava daquilo. Fiquei em choque. Eu era bem mais nova e fiquei muito constrangida, com medo mesmo. Apaguei as mensagens, bloqueei, contei para os meus pais e fomos à delegacia, mas o delegado não aceitou fazer a denúncia. Esse número continuou mandando mensagens, mesmo após bloqueá-lo, e só parou quando troquei de número".

A decisão de pedir ajuda ainda é exceção: Carolina Delboni conta que, embora a gente viva uma era de muita informação, a maioria das meninas ainda não sabe como denunciar ou têm medo de contar para os adultos. "Elas levam a situação como parte da rotina, tentam lidar com aquilo sozinhas, e essa violência piora a saúde mental e física delas, além de impactar negativamente o desempenho na escola", alerta a psicanalista. "As meninas só estarão completamente livres quando viverem num mundo sem violência de gênero", completa Débora Lira, especialista em políticas públicas e gênero da Serenas, organização voltada à prevenção da violência.

FILTRO, MAQUIAGEM E MUITA PRESSÃO

"Eu não sou de me maquiar, acho desconfortável usar maquiagem o tempo todo, mas sinto uma pressão para usar pelo menos rímel e blush na escola. E também para usar peças de roupa mais femininas do uniforme, como short e legging. Sinto que, dessa forma, eu sou levada mais a sério pelas pessoas. Sonho em ter mais liberdade, não me preocupar tanto com a minha estética". Quem diz isso é Gabriela, de 17 anos. Por ser uma menina trans, ela se sente pressionada a ir para a escola o mais feminina possível para ter sua identidade de gênero respeitada por colegas e professores, mesmo sem gostar de usar maquiagem. Mas a pressão estética atinge todas as meninas, em maior ou menor grau. Segundo a pesquisa Doce Pela Autoestima, de 2023, 97% das adolescentes entre 10 e 14 já foram expostas a conteúdos tóxicos de beleza nas redes sociais; não por acaso, aos 13 anos, 84% das brasileiras já aplicaram um filtro ou usaram um aplicativo para mudar sua imagem em suas fotos.

"Gerações anteriores tinham revistas e novelas, no máximo, para se inspirar nas celebridades. Com as redes sociais, as meninas são bombardeadas com conteúdo sobre estética 24 horas por dia, justamente em uma fase em que o corpo e o rosto delas estão mudando. Isso gera uma dificuldade natural com a própria imagem e até uma certa angústia ao se ver no espelho ou numa



câmera frontal", percebe a psicanalista. Não por acaso, a busca por procedimentos estéticos entre jovens menores de 18 anos cresceu 141% nos últimos cinco anos.

Para Juliana, no entanto, a internet foi fundamental para aprender a cuidar de seu cabelo cheio de curvas e se sentir bonita sem aderir a alisamentos. "Quando eu era mais novinha, escutava que meu cabelo não era bonito, porque é muito volumoso, e eu não sabia cuidar direito. Hoje gosto de seguir meninas que tem mais ou menos o mesmo padrão de beleza que eu. Se eu começar a seguir só meninas loiras e de olhos azuis, eu não vou me achar bonita, porque a gente sempre acaba se comparando", fala. Ela gosta de consumir conteúdos de beleza relacionados a maquiagem e exercícios físicos, mas critica alguns tipos de conteúdo: "Não gosto de quem fala que tem que ter um corpo assim ou assado, ou que a gente tem que treinar para ter um corpo que vai agradar os homens, não acho legal. Fazer exercícios é um compromisso com a gente, não com os outros". Assim como Gabriela, Juliana também não gosta de se arrumar demais para ir à escola, e conta que isso já gerou comentários sobre sua aparência em um grupo de meninos. "Disseram: 'A Juliana é bonita, mas não sabe se cuidar'. Fiquei muito abalada, porque ninguém vai falar o mesmo de um menino".

VOCÊ SE CONSIDERA FEMINISTA?

Diante desta pergunta, as adolescentes ouvidas pela reportagem hesitaram. Nenhuma delas respondeu prontamente que sim. A maioria disse que é a favor dos direitos das mulheres, mas que precisam estudar mais para dizer que são feministas. Ou seja, elas enxergam o feminismo como um tema do qual só podem se apropriar se lerem determinados livros ou conhecerem determinadas autoras, o que as afasta do que o feminismo realmente é: a crença de que homens e mulheres deveriam ter direitos iguais em todos os campos, desde o mercado de trabalho e a política até os aspectos da vida cotidiana, como roupas e divisão de trabalho doméstico.

"Eu sou a favor da liberdade das mulheres, de que cada uma pode fazer o que quiser com o seu corpo, mas é um movimento importante, com história, e ainda me falta estudar muito para poder dizer que sou feminista", fala Juliana. Gabriela deu uma resposta mais crítica para esta pergunta: "Sinto que [o feminismo] se aplica mais para mulheres brancas e cisgênero [que se identifica com o gênero atribuído ao nascimento] do que para todas as mulheres. Vejo muitas que se consideram feministas e defendem o direito das mulheres, mas não todas as mulheres. Quando falamos em direitos das mulheres trans, percebo que não estamos incluídas".

Em 2022, menos da metade das meninas entre 14 e 29 anos se consideravam feministas, segundo o estudo "Perspectivas sobre a igualdade de gênero, o feminismo, a violência de gênero e as relações afetivo-sexuais", realizado pela Fundação SM, por meio do Observatório da Juventude na Ibero-América. Mas nem só de má notícias é feita esta reportagem — ufa!

Carolina Delboni, psicanalista, acredita que apesar de não responderem prontamente que são feministas, as adolescentes de hoje foram criadas em meio a discussões importantes sobre igualdade de gênero. E, por isso, têm mais força para se posicionar diante de situações de injustiça. "Elas são mais empoderadas, se apropriam mais de seus direitos, entendem o que é ser menina e o papel delas para combater o machismo. É comum ver cartazes contra violência pregados nos corredores das escolas, trabalhos das meninas virarem campanhas importantes e coletivos feministas se formando. Assim, elas estão questionando as próprias regras da escola e levando essas discussões para dentro de casa".

Na prática, estamos falando da Ana questionando a diferença entre os uniformes de meninas e meninos em sua escola, em Rio Branco. E da Gabriela, que precisou comprar briga com a escola e alguns professores para garantir que teria seu nome social respeitado na chamada: "Colocaram meu nome social na chamada com meu nome morto, o que é completamente transfóbico. Claro que, com isso, alguns professores confundiram e me chamaram pelo nome morto, no masculino, na frente da sala toda. Tive que conversar com meus pais e fomos falar com a direção da escola, até que eles mudaram. É difícil, mas estou tentando me posicionar mais".

Amigas, amigas. NAMOROS À PARTE

SE, DE UM LADO, A INTERNET FICA FERVOROSA COM UMA BRIGA POR UM FOLLOW, REFORÇAMOS QUE, ENTRE UM RELACIONAMENTO E OUTRO, QUEM FICA MESMO SÃO NOSSAS GRANDES AMIZADES.

texto JULIA RIBEIRO DE LIMA
fotos JOTAVE

Logo após assistir ao desfile de sua melhor amiga, Bruna Marquezine deu uma declaração que rodou a internet: "Meu grande amor são meus amigos". Recém-solteira, a aspa correu pelas redes sociais como uma grande fofoca, todas com o gancho de que, talvez, Bruna precisasse encontrar um novo amado. A frase, inclusive, foi muito mais divulgada do que qualquer outra coisa que a atriz tenha falado sobre sua amizade com a estilista da Mondepars, Sasha Meneghel. Naquele e em diversos outros dias, Bruna mostrou mesmo que a amiga de infância é um dos grandes amores de sua vida, já que compartilham os altos e os baixos, torcem e celebram os feitos umas das outras há mais de duas décadas.

Pouco menos de um mês antes, uma briga dominou o TikTok e um grupo de amigas se viu ruindo após uma delas seguir o "dix" do namorado da outra. A discussão nas redes foi grande, mães tomaram lados e todos tiveram uma opinião, que escalou a treta para outros patamares, mas o questionamento inicial foi o seguinte: "Afinal, seguir o boy da outra é permitido?". A partir daqui, queremos te convidar para outro questionamento: "Afinal, vale colocar seu namorado na frente de qualquer relação com suas amigas?".

Ok, nós sabemos, um namoro pode ser intenso, ainda mais se for o seu primeiro. É normal que a gente queira viver essa paixão intensamente, mas "o mais importante é viver essa fase com calma, sem perder o contato com quem você é", pontua Giovana Diez, psicóloga infanto-juvenil. "É fácil se deixar levar pela emoção, mas é essencial lembrar que essa é só uma parte da vida — não tudo."

Pense, mas sem se culpar: quantas vezes você deixou de sair com uma amiga para passar umas horinhas a mais com o namorado? Ou você já sentiu que está perdendo contato com aquela amiga solteira? "Manter o equilíbrio entre o namoro e outras áreas da vida é essencial", reforça Juliana Varella, psicóloga clínica especializada em terapia cognitivo-comportamental.

REGRA DE TRÊS

Para facilitar a navegação por esse momento e não deixar nenhum pratinho cair, precisamos ficar de olho em três coisinhas: pensamentos, emoções e comportamentos. "No campo dos pensamentos, podem surgir interpretações distorcidas da realidade causadas por experiências anteriores e inseguranças, que nos fazem generalizar situações e entrar no famoso overthinking", diz a especialista. É nessa hora que os padrões como o ciúme e a dependência emocional surgem.

E vamos combinar: não é porque você está namorando, que vai perder sua autenticidade. "Na tentativa de agradar, é fácil cair na armadilha de criar uma persona que não reflete quem somos", afirma a psicóloga. Aqui, vale a reflexão: se damos tudo que temos ao outro, o que sobra para nós? "É por isso que é tão importante manter a própria rotina, os hobbies, os planos individuais e as amizades", ressalta.

SEM CAÔ

Tá, mas e se minha amiga fez alguma coisa que senti que atingiu meu relacionamento de alguma forma, o que eu faço? O sangue quente pode até falar mais alto, por isso, respire fundo e... converse! Afinal, a amiga é sua, certo? "Reconhecer seus próprios sentimentos e promover um diálogo é essencial, já que amizade e namoro não precisam ser concorrentes", pontua Giovana.

São conversas assim que fortalecem as amizades e, mais do que isso, quando há respeito e compreensão, namoro e amigas coexistem de forma harmônica: "O ideal é aprender a dividir o tempo e o afeto, além de entender que o ciúme e a rivalidade não precisam fazer parte da convivência. Relações saudáveis passam por empatia, escuta e respeito pelos limites do outro."

São nossas amigas, inclusive, que podem apontar partes disfuncionais do namoro, como pontua Juliana: "Os amigos podem ser os olhos que precisamos quando estamos cegos pelo amor. O afastamento dessa rede pode alimentar a ideia de que 'só temos aquela pessoa', o que reforça ainda mais a dependência emocional e pode tornar a relação mais frágil e desbalanceada."

Lembra dos pratinhos que falamos acima? A conversa é uma forma de mantê-los todos no lugar. E vamos combinar? Podemos deixar a rivalidade feminina lá nos anos 2000, né?

E aí voltamos à Bruna, Sasha, o choro de emoção ao ver sua melhor amiga realizar um sonho e finalmente conseguimos entender porque a fala rodou a internet: ela mostra que a realização afetiva não precisa vir de um relacionamento romântico. "Ela quebra uma expectativa cultural de que o auge do afeto e da realização pessoal está no amor romântico", comenta Juliana.

No fim do dia, valorizar as amigas não é uma válvula de escape para quem precisa achar um grande amor, mas reconhecer que outras formas dele são igualmente importantes. "As amizades oferecem segurança, escuta genuína e afeto consistente, além de terem o poder de sustentar emocionalmente tanto quanto – e às vezes mais – que relações românticas", conclui Giovana.

vai com medo mesmo

por LOLA FERREIRA
colagem MATHY

COLUNA

Tomar decisões grandes dá medo. Um medo que às vezes parece até maior que a gente. Medo de escolher o curso errado no vestibular e acabar frustrada – ou, pior ainda, sem conseguir ajudar a família. Medo de escolher o curso certo e descobrir que ser boa profissional exige bem mais do que imaginávamos. Medo de começar aquele namoro que parece perfeito, mas que você não tem certeza se vai dar certo. Medo de terminar um namoro e se arrepender. Medo de dizer sim. Medo de dizer não.

A real é que o mundo anda cobrando decisões cedo demais. E, pra completar, ele ainda mente pra gente dizendo que toda decisão precisa ser eterna. Como se mudar fosse sinônimo de fracasso. Como se trocar de ideia fosse um sinal de fraqueza. Como se sair de um lugar significasse que você não aguentou. Mas... quem é que aguenta tudo, o tempo todo?

A verdade é que a vida é feita de ciclos. E se tem uma certeza que vale repetir é essa: tudo muda o tempo todo. A gente muda de estilo, muda de amiga, muda de batom, muda o jeito de falar, de rir, de se apaixonar. A gente muda de playlist, muda de plano, muda de opinião. Muda até de signo favorito (sim, isso acontece!). O que hoje parece uma verdade absoluta, amanhã pode ser só um capítulo da sua história — e tudo bem.

Escolher é difícil, eu sei. Não porque você não sabe o que quer, mas porque toda vez que a gente escolhe um caminho, precisa renunciar a todos os outros. E isso assusta. Parece que um universo inteiro se fecha quando você toma uma decisão. Mas a real é que esse universo que fica para trás talvez nunca fosse mesmo seu. Talvez ele combine com outras versões de você que nem existem mais. Talvez ele nunca tenha feito sentido — e só parecia seguro porque era o que você já conhecia.

O seu mundo novo pode dar medo, mas ele é mais você. É nele que moram os seus desejos atuais, as suas curiosidades mais sinceras, as vontades que só você entende. E esse mundo novo exige coragem. Exige que você banque suas escolhas, mesmo quando elas ainda não têm todas as respostas. Exige que você se jogue, mesmo que meio torta, meio insegura, meio tremendo. Vai com medo mesmo. Com dúvida mesmo. Com frio na barriga e playlist de apoio.

O começo de qualquer coisa tende a ser esquisito. Começar dá trabalho. Você se cobra, se questiona, se compara. Tem dias em que parece que nada encaixa. Mas o que ninguém te conta é que isso é parte do processo. Que é normal ter vontade de voltar atrás — e que, se precisar, você pode. Só não deixa o medo te impedir de ir. Porque ir muda tudo.

Talvez o mais bonito seja isso: saber que nenhuma escolha precisa ser definitiva. Que você pode recomeçar. Que é permitido mudar de ideia. Que os caminhos são muitos, e todos eles têm alguma coisa para te ensinar. E que, às vezes, o simples ato de tentar já é a prova de que você cresceu.

Então, se você tá aí, com o coração apertado diante de uma decisão que parece grande demais, respira. Dá um passo. Vai com medo mesmo. Porque lá na frente, quando você olhar para trás, vai perceber que teve coragem. E vai se orgulhar tanto. Depois me conta.

LOLA FERREIRA

É REPÓRTER COM TRAJETÓRIA FOCADA EM QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA. COMEÇOU NA CAPRICHO, RODOU VEÍCULOS DO BRASIL INTEIRO E VOLTOU PARA FALAR SOBRE ISSO E MAIS.

S.O.S SEXO

MEU PRIMEIRO

Muitas meninas e mulheres ainda demoram muito tempo para comprar o primeiro vibrador. Isso é resultado do tabu que insistem em colocar quando o assunto é **masturbação feminina**, né? A atriz Claudia Raia já disse que comprou um para a filha dela abertamente, desmanchando essa ideia.

E é importante que você, leitor e leitora de CAPRICHO, saiba que explorar a sexualidade e buscar prazer não é errado — e os vibradores podem ser aliados com estímulos específicos. É claro que quem nunca teve um pode se deparar com dúvidas e inseguranças na hora de comprar (e nós recebemos várias perguntas sobre o tema por aqui, viu?).

Abaixo, respondemos algumas delas com quem entende muito do assunto: **Marcela Mc Gowan**, ginecologista e especialista em sexualidade, e as cofundadoras da marca **pantynova**, startup focada em bem-estar sexual: **Heloísa Etelvina** e **Izabela Starling**. Vamos lá.

QUERO TER UM VIBRADOR, MAS TENHO VERGONHA... O QUE EU FAÇO?

Calma, ter vergonha é completamente normal. Para você começar a se acostumar com a ideia, **Mc Gowan** reforça que não tem nada de errado em investir na sua sexualidade. Compartilhar dúvidas e experiências com pessoas da sua confiança também pode te ajudar a ficar mais confortável.

E, ah, um lembrete: ***sex shops* não são recomendados para menores de 18 anos**, ok? Mas isso não significa que você não deve se masturbar, se for menor de idade. Não tem nada de proibido nisso.

QUAL É O MELHOR MODELO DE VIBRADOR PARA COMEÇAR?

Marcela explica que a escolha do melhor vibrador depende do tipo de estímulo que você gosta. "Eu costumo recomendar para quem nunca teve um vibrador começar pelo **bullet**, que é aquele modelo menor para ser usado na parte externa, na vulva", diz a ginecologista, que explica que o orgasmo mais comum entre as mulheres é o clitoriano.

PODE COMPARTILHAR O VIBRADOR?

Não é recomendado. Mas, caso você compartilhe o seu vibrador com outra pessoa, o uso de camisinha é indispensável. Usar proteção também vale no caso de mulheres que introduzem os vibradores também no ânus. É uma região cheia de micro-organismos que podem prejudicar a flora vaginal. Por isso, toda vez que o vibrador for introduzido no ânus, a camisinha precisa ser trocada antes que haja a introdução dele na vagina.

ELE PODE CAUSAR ALERGIAS?

Na hora de comprar um vibrador, é importante prestar atenção no material do produto, viu? De acordo com a ginecologista, os melhores vibradores são feitos de silicone médico. Trata-se de um material que, geralmente, não é alergênico e tem uma textura mais suave para não machucar durante o estímulo.

"É muito raro alguém ter alergia a esse tipo de silicone, mas pode, sim, acontecer. Então, é sempre bom dar uma testadinha antes para ver como funciona em cada um", alerta Marcela.

COMO FAZER A HIGIENIZAÇÃO DO VIBRADOR?

A recomendação, segundo **Iza**, é usar um sabonete antibacteriano neutro para lavar os vibradores tanto antes como depois do uso. Uma ótima opção é os que são à base de glicerina.

A fundadora da **pantynova** também alerta para que, após a higienização, os vibradores sejam guardados em um local seco e em temperatura ambiente.

"Muitas pessoas deixam o vibrador no banheiro, que é um local úmido. Isso não é bom, principalmente por conta dos componentes eletrônicos que o compõe", explica. Se o vibrador for à base de pilhas, é importante retirá-las antes de guardar para não correr o risco delas enferrujarem dentro do produto.

ESCANEIE PARA LER A MATÉRIA COMPLETA NO SITE DA CAPRICHO

TESTE

QUAL RELACIONAMENTO DA FICÇÃO MAIS DEFINE SUA RELAÇÃO COM O SEU CELULAR?

TESTE

TESTE

1. QUANTO TEMPO, EM MÉDIA, VOCÊ FICA MEXENDO NO CELULAR POR DIA?

A) Até duas horas
B) Entre duas e seis horas
C) Mais de oito horas por dia

2. QUAL APLICATIVO VOCÊ MAIS USA NO SEU CELULAR?

A) Pinterest
B) Instagram
C) TikTok

3. VOCÊ COSTUMA USAR O SEU CELULAR PARA...

A) Conversar com minha família e amigos
B) Ficar nas redes sociais
C) Jogar joguinhos online

4. VOCÊ DIRIA NÃO MEXE NO CELULAR EM MOMENTOS QUE PRECISA SE CONCENTRAR?

A) Acredito que sim, alguns dias quando consigo ter foco, nem pego no celular
B) Às vezes sim, mas tenho que me dedicar para conseguir não mexer no celular quando não devo
C) Não muito, costumo abrir o celular toda hora para ver minhas mensagens

5. AO ACORDAR, QUAL A PRIMEIRA COISA QUE VOCÊ FAZ?

A) Tomo café para já acordar
B) Corro para o banho e já me arrumo para a aula
C) Pego o celular para checar as notificações

6. E QUANTO AOS ESTUDOS, VOCÊ DIRIA QUE O CELULAR...

A) Me ajuda a pesquisar e a entender o conteúdo
B) É bem útil, mas pode me distrair se não tiver cuidado
C) Acaba atrapalhando por tirar meu foco do estudo

7. PENSAR EM FICAR UMA SEMANA LONGE DO SEU CELULAR, PARA VOCÊ, É...

A) Animador até, porque parece uma oportunidade para focar nos estudos ou em hobbies que gosto
B) Desafiador, não sei se conseguiria mas sei que deve ser uma boa experiência
D) Angustiante, não sei como seria ficar sem entrar nas redes sociais e falar com a galera

8. QUANTO AOS HOBBIES, VOCÊ CULTIVA ALGUM FORA DO CELULAR?

A) Sim, gosto de praticar atividades físicas e manuais
B) Tento me aventurar em atividades manuais, mas o celular é sempre uma tentação
C) Até penso em fazer isso, mas acabo me divertindo com joguinhos de celular mesmo

RESULTADO

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "A"

Você e seu celular são como Charlie e Nick, de Heartstopper

É uma relação saudável, que respeita seus limites e pode te fazer ser a sua melhor versão. Continue assim!

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "B"

Você e seu celular são como Belly e o Conrad, de Verão que mudou a minha vida

Vocês têm tudo para dar certo, mas, se não souber se comunicar direito e ter maturidade para estabelecer limites, podem enfrentar bastante problemas. Cuidado, tá?

SE VOCÊ RESPONDEU MAIS "C"

Você e seu celular são como Grace e Peter, de Overcompensating

A relação de vocês parece ser guiada por dependência, falta de controle e de limites – ou seja, nada saudável para nenhum dos lados. Pode ser o momento de repensar o funcionamento de vocês e estabelecer limites.

Astros do Cinema

O segundo semestre de 2025 promete chacoalhar até a nossa forma de organizar aquela graninha todo mês. Alguns planetas vão puxar a orelha dos signos — mas a chance de brilhar também estará na mesa, principalmente se o medo de mudar não ganhar o protagonismo.

Se você está sentindo que existe um clima de "fechar ciclos" em 2025, bem, é real. Esse é um ano 9. Na numerologia, ele é exatamente isso: **um período para desapegar, fechar ciclos e abrir espaço para coisas novas.** O 9 é tipo aquele "fim de temporada" que o roteirista da nossa vida escreve, sabe?

Para os próximos meses do ano, a carta do tarô A Estrela entra em cena. Os ciclos se fecham, mas podem trazer muita esperança e um impulso muito genuíno de ser quem somos de verdade, sem filtro. Ela é tipo um amuleto de boa sorte e transparência, além de simbolizar a confiança e desapego. Bora?

ESCANEIE AQUI PARA FAZER O SEU MAPA ASTRAL DE 2025 :-)

★ ★ ★

TEXTO E PREVISÕES
Naiara Tomayno,
Leo Chioda e Yub Miranda.
ILUSTRAÇÕES
Luísa Guarnieri

A ESTRELA

ÁRIES

21 DE MARÇO ★ 19 DE ABRIL

Você vai sentir aquela pressão para ser mais responsável (Saturno está de olho!). E, preste atenção: nada de gastar no impulso, hein? Júpiter em Câncer destaca família e coração, então bora valorizar o que importa. Netuno - que é o planeta da sensibilidade - lembra que é preciso cuidar de você.

TOURO

20 DE ABRIL ★ 20 DE MAIO

Este semestre vai trazer revoluções no amor e na autoestima. Urano saiu do seu signo, mas deixou lições. Com Plutão em Aquário, desafios com figuras de autoridade vão passar pelo seu caminho, enquanto Júpiter irá favorecer trocas afetivas. Foque no equilíbrio e na sua saúde mental, combinado?

GÊMEOS

21 DE MAIO ★ 20 DE JUNHO

Com Urano no seu signo e eclipses tensos, este semestre marca viradas na escola, no estágio (se você já estiver em um) e até na sua vida pessoal. O amor pede mais cuidado com impulsos, então, atenção, hein? Aproveite para expandir saberes e espiritualidade; a dica é manter o foco e cultivar a criatividade.

Câncer

21 DE JUNHO ★ 22 DE JULHO

Agora é a hora de tirar os sonhos do papel, pessoa do Signo de Câncer! Júpiter entra no seu signo e ativa o crescimento pessoal e dá aquela injeção de coragem que estava faltando. O amor ganha firmeza e leveza. Espiritualidade e estudos se fortalecem e você irá agir com mais confiança e maturidade.

Leo

23 DE JULHO ★ 22 DE AGOSTO

Reavalie vínculos e dê um check no seu cofrinho, ok? Isso porque Plutão está pedindo que você seja mais pé no chão em todas as suas relações (até com grana). O início do ano exigiu muito; agora, você precisa repor energias. Busque atividades que tragam entusiasmo e descanse para recuperar o brilho.

VIRGEM

23 DE AGOSTO ★ 22 DE SETEMBRO

É agora ou nunca: este semestre vai impulsionar o seu crescimento, mesmo com instabilidades. Júpiter favorece os estudos e vida na escola ou faculdade. Em setembro, é possível que no quesito "amor", você viva uma reviravolta - mas é preciso também abandonar a ideia de que você precisa salvar os outros.

LIBRA

23 DE SETEMBRO ★ 22 DE OUTUBRO

Com Júpiter desafiando seu signo, este semestre traz crescimento com (muito) esforço. Acima de tudo, seja fiel a si, abrace parcerias sinceras e não tente agradar a todos — é difícil, a gente sabe. Mas é possível. No amor, reavalie crenças, ok? Foque em equilibrar sonho e possíveis estratégias.

Escorpião

23 DE OUTUBRO ★ 21 DE NOVEMBRO

Transformações profundas à vista! 2025 pede mais liberdade e menos controle. No trabalho, destaque-se ao ensinar e criar. Lilith e Plutão mexem com suas emoções — evite a ansiedade. Se isolar um pouco pode te ajudar a ouvir sua intuição.

SAGITÁRIO

22 DE NOVEMBRO ★ 21 DE DEZEMBRO

Mudanças vêm com tudo em 2025. Relacionamentos e carreira pedem equilíbrio. Os eclipses exigem mais disciplina e empatia. Use sua fé com mais consciência. Grana pede controle e espiritualidade pede renovação. Cuide da saúde física e emocional.

CAPRICÓRNIO

22 DE DEZEMBRO ★ 19 DE JANEIRO

2025 é um ano de expansão financeira, mas o sucesso vem com motivação e foco no presente. No amor, algo sério pode surgir — tome a iniciativa! Evite o orgulho e aprenda a pedir ajuda. Cuide do corpo e da mente. Não viva como se tudo fosse urgente.

AQUÁRIO

20 DE JANEIRO ★ 18 DE FEVEREIRO

Seja mais autêntica e focada neste semestre. Saturno te impulsiona a agir com mais propósito. O amor pede sinceridade e jogo de cintura. Inove nas finanças e cuide do corpo e da mente. Mercúrio retrógrado alerta para a importância da comunicação clara.

Peixes

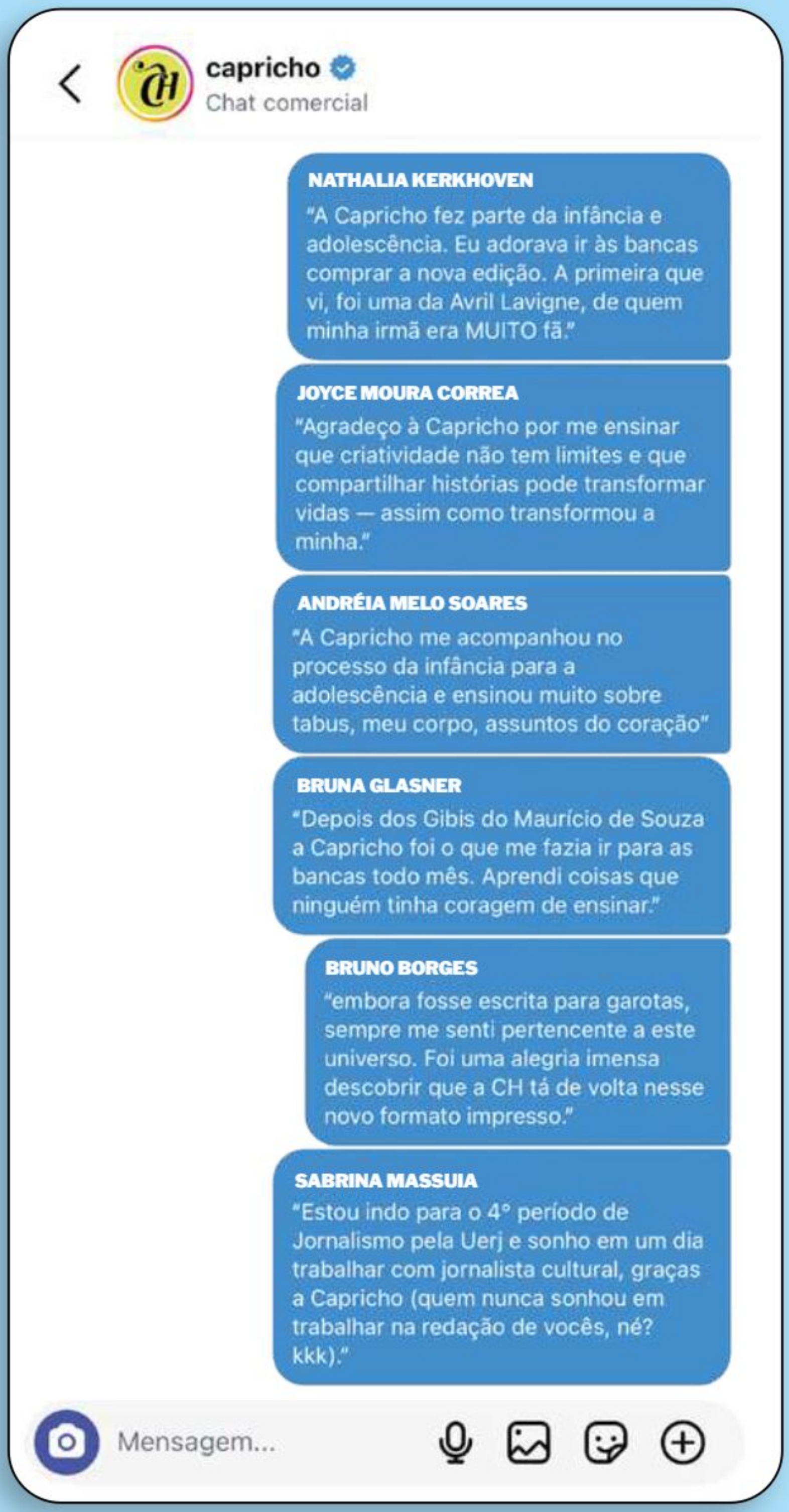
19 DE FEVEREIRO ★ 20 DE MARÇO

Esse é seu ano de recomeços e ponto final. Eclipses em Peixes vem aí e pedem um reset emocional e nas suas relações. Projetos antigos podem ser concretizados se você agir com maturidade, viu?. Honre seu lado sensível sem sobrecarregar sua rotina e lembre-se: leveza e autocuidado são essenciais.

DIZ AÍ

Esse espaço é feito para você, leitor e leitora da CAPRICHO. Em dezembro do ano passado, quando publicamos nossa edição impressa após dez anos somente no online, fizemos um convite: desejamos que vocês contassem para nós a sua história com a CH, que tem mais de 73 anos de existência e passou por muitas, muitas gerações. Selecionamos alguns dos comentários e você pode ler aqui ao lado.

Nossa caixinha continua aberta. Escaneie o QRCode abaixo e conte para gente qual é a sua história com publicação (aproveite para sugerir pautas, dizer o que achou das pautas, enviar elogios e até críticas são bem-vindas). Bora conversar.



CH CHARTS #1

AS COISAS MALUCAS (OU NÃO) QUE FICARAM EM PRIMEIRO LUGAR NO NOSSO CORAÇÃO ESSE ANO.

_Saudade do meu gato :(
Déa Martinelli, editora-chefe

_Miley F*cking Cyrus!
Sofia Duarte, repórter de moda e beleza

_Curso desenhos feios com Helena Obersteiner
Jotave, designer

_O Verão que Mudou a Minha Vida
Juliana Morales, repórter de comportamento

_Casais escritos pela Jenny Han
Anny Guerrera, repórter de entretenimento

_Vídeos de makes descontinuadas!
Juliana Kataoka, socia media

_Novos da Luedji e Ebony, e LP de Caju
Rômulo, estagiário de entretenimento

_Ethel Cain Dior Girl
Matheus Carvalho, designer

_O livro 'A Quarta Asa' SOS!
Mavi Faria, estagiária de comportamento

QUAL FOI SEU NÚMERO #1 ATÉ AGORA?

ACHE OS CHs!

kanioko

MOCINHA,
NÃO!
PODE DIZER
QUE EU
MENSTRUEI

CAPRICHO + HERSELF